

Tribuna Operária

da Luta

Cr\$ 400,00

ANO V — Nº 176 — DE 16 A 22 DE JULHO DE 1984



Mais de 2 mil pessoas participaram do justicamento

Assassinos do líder sindical mortos no Pará

Povo de Tomé-Açu executa os três jagunços que mataram Benezinho. A violência no campo paraense nas pág. 10 e 5.

EDITORIAL

Por um sindicato combativo

Está em curso a batalha eleitoral decisiva para a diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo. A Chapa 1, Unidade na Luta, saiu vitoriosa no primeiro escrutínio por uma significativa vantagem de 3.601 votos. Mas por exigência da legislação fascista em vigor — à qual a Chapa 2 não se envergou de recorrer — realiza-se nova votação entre os dias 16 e 19.

O embate não é apenas entre duas chapas. No fundo o que se verifica é um acirrado combate de classes. De um lado, enfrentando mil obstáculos, a classe operária busca formas concretas para defender e fortalecer o seu Sindicato e o movimento sindical em geral. Por outro lado, grupos de ideologia burguesa e pequeno-burguesa, atuantes entre os trabalhadores, tentam desesperadamente impor o divisionismo e o paralelismo nos sindicatos.

A Chapa 1 é fruto de um esforço imenso para concretizar a unidade dos metalúrgicos, englobando correntes diversas que têm penetração entre os operários. Defende o Sindicato como instrumento de luta do conjunto dos trabalhadores contra a exploração patronal. Reflete também o avanço do sindicalismo classista — pode-se dizer revolucionário — que vem travando de várias formas uma árdua luta contra o peleguismo, o reformismo e o divisionismo no movimento sindical. E que teve êxitos concretos com a democratização do Sindicato dos Metalúrgicos, a abertura das subseções, a presença maior da diretoria nas portas das fábricas. Corrente que marca também sua presença na campanha eleitoral pela incansável dedicação de seus ativistas, pela coragem no enfrentamento com as mais violentas e sujas provocações. E pelo espírito unitário no tratamento de divergências naturais dentro da própria chapa e entre os trabalhadores. Por tudo isto a Chapa 1 é uma aliança inteiramente justa do ponto de vista dos princípios proletários, que visa a

união e a luta dos metalúrgicos por suas reivindicações e pela liberdade.

A Chapa 2 mostrou o seu caráter desde a hora da convenção que escolheu seus nomes. Para presidente, alijou o representante da Comissão de Fábrica do Ford, que goza de reconhecimento de prestígio entre os metalúrgicos, para impor um trabalhador de escritório numa pequena fábrica que não tem 30 sindicalizados. O critério foi a fidelidade às concepções ultra-sectárias da chamada "Oposição Metalúrgica". É a Chapa de um partido. Mais precisamente da ala mais estreita e sectária do PT, já que uma parte desta organização manifestou-se contra tal prática, inclusive defendendo uma Chapa de unidade e alguns membros do PT somam com a Chapa 1.

A burguesia logo percebeu qual Chapa lhe interessa. A grande imprensa foi praticamente unânime em apoiar, aberta ou veladamente, a Chapa 2: a "Folha de S. Paulo" chegou a fazer um editorial atacando a Chapa 1. A Igreja não ficou atrás e mobilizou padres e paróquias a serviço da 2. Até sermões nas missas foram dirigidos para a propaganda desta Chapa. Dinheiro, carros, etc., também não faltaram. Vero gente de vários Estados, com passagem e estadia pagas, tanto para fazer propaganda como para promover aruaças e espancamentos de trabalhadores que apoiam a Chapa 1.

O caráter anti-operário deste grupo que tenta assaltar o Sindicato fica mais evidente ainda por seus métodos, em tudo idênticos aos do velho peleguismo que dizem combater. Agrediram trabalhadores para tentar impedir que votassem nas urnas do Sindicato, porque sabiam que estes votos seriam da Chapa 1. Caluniam os operários veteranos, que há décadas enfrentam a exploração patronal, que deram sangue e suor na luta de classes e na construção do Sindicato, chamando os aposentados de "velhos esclerosados".

Comunistas propõem programa para candidato único

A Comissão Nacional pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil divulgou uma proposta de Programa Mínimo e Plano de Emergência a serem cumpridos pelo candidato único da oposição à Presidência da República. A suspensão do

pagamento da dívida externa, a adoção de uma política econômico-financeira nacional e popular, a convocação da Assembleia Constituinte são algumas das sugestões dos comunistas. Leia na pág. 3



Foto: Muzak

Foi uma das maiores manifestações pela reforma agrária no Maranhão

Passeata de 10 mil exige reforma agrária

A massiva presença de trabalhadores surpreendeu até mesmo os organizadores do ato. Última página

Amazonas defende socialismo em palestra na SBPC

O veterano dirigente comunista mostrou o fracasso do sistema capitalista. Pág. 4

Nelson Pereira retrata a atualidade das "Memórias do Cárcere"

O testemunho de Graciliano Ramos sobre os porões da ditadura, agora no cinema. Pág. 9

Alagoas lança Tancredo Neves em manifesto dos democratas

Oposições unem-se para derrotar o candidato do PDS. Leia na pág. 3

Dias decisivos para greve nas universidades federais

Professores e servidores enfrentam as ameaças da ministra da Educação. Pág. 6



A Chapa 2 agrediu os operários na porta do Sindicato

Votos metalúrgicos rechaçam a divisão

Unidade na Luta vence chapa divisionista com mais de 3.600 votos de vantagem, mas haverá nova eleição. Pág. 7

Atraso nos salários matou de fome filho da operária

Terça-feira, dia 9, o menino Anderson da Silva Costa, de um ano e três meses, morreu ao ser atendido em um hospital, com pneumonia e anemia. Ele era filho da operária Ana Maria da Silva, da Indústria Têxtil Seridó, que há seis meses não recebe seus salários. Os operários da Seridó denunciaram: a criança morreu de fome!

Há 29 dias os têxteis da Seridó, de Natal (RN), realizam piquetes na porte da fábrica, cobrando seus salários atrasados. A única "ajuda" que recebiam do governo era

uma cesta de alimentos, que será paga quando receberem os atrasados. Mas mesmo essa cesta não é mais fornecida.

Segundo a tia do Anderson, há muitos dias não tinha leite na casa dele, e a única coisa que o menino tomava era chá de plantas caseiras. A criança foi ficando cada vez mais fraca. Essa situação desesperadora afeta também os outros funcionários da Seridó. São 1.100 famílias sem nenhuma fonte de recursos, a maioria acamada em frente à fábrica. (da cursal)



Palestinos na América Latina unidos em torno da OLP

Com a presença de mais de 300 delegados de 22 países do Continente, foi realizado em São Paulo, de 6 a 9 de julho, o I Congresso das Entidades Palestinas da América do Sul, Central e Caribe. Os congressistas mostraram uma grande unidade em torno da Organização para a Libertação da Palestina (OLP) e determinação de lutar sem tréguas pela libertação de sua pátria ocupada pelos sionistas.

Este Congresso, representando os 500 mil palestinos da América Latina, significou um importante passo para o fortalecimento da OLP na sua luta contra o imperialismo e o sionismo. Os palestinos, que vivem um exílio forçado desde que sua terra foi ocupada pelos israelenses em 1948, têm na OLP a sua entidade unitária. Por isso, este primeiro congresso palestino realizado fora do Oriente Médio foi "um marco histórico na luta de nosso povo", na opinião de Khaled Al Hassan, ministro da OLP para assuntos de comunicação e informação e membro do Comitê Central da Al Fatah, presente ao Congresso.

Foram escolhidos sete representantes do Congresso Palestino da América do Sul, Central e Caribe para participarem da reunião do Conselho Nacional Palestino — CNP — (o parlamento no exílio), a ser realizado a 15 de setembro na Argélia. Essa reunião deve ser decisiva para a reorganização das forças da OLP — dispersas por vários países do Oriente Médio após a invasão do Líbano por Israel em 1982 — e para o avanço da luta armada pela libertação dos territórios ocupados.

Luta sem tréguas em defesa da própria terra

A questão do enfrentamento armado contra o invasor é um ponto fundamental para os palestinos. Segundo Khaled Al Hassan, "cessar a luta armada seria contra a própria natureza da nossa causa. Se seu território está ocupado e você pára de lutar, você cessa tudo. Lembrem-se de que estamos lutando contra os Estados Unidos e os sionistas e eles não ouvem os silênciosos". O padre Ibrahim Ayad, representante de Yasser Arafat para assuntos religiosos, explicou, durante a abertura do Congresso na Assembleia Legislativa de São Paulo, que "o mundo inteiro deve saber que não haverá paz sem justiça e não haverá justiça enquanto



Solenidade de abertura do Congresso Palestino, onde os 1.500 presentes apolaram os que lutam de armas na mão para libertar a pátria ocupada

os palestinos não tiverem seu lar para morar". Os delegados presentes ao Congresso reafirmaram em sua Declaração de São Paulo o seu pleno reconhecimento à OLP como única e legítima representante do povo palestino, e fizeram um chamado a todos os governos árabes para que assumam plenamente o seu apoio à causa palestina. Os congressistas foram unânimes em tecer duras críticas às posições vacilantes dos países árabes à luta do povo palestino, que antes de tudo é também a causa do povo árabe.

O Congresso também se posicionou pela não ingerência de nenhum país árabe nas questões internas da OLP. Isto foi uma clara referência a países como a Síria e Líbia, que vêm tentando controlar a OLP, para mais tarde poder negociar uma acordo de paz para a região com os Estados Unidos.

Plano de Reagan foi rechaçado no Congresso

O plano de paz proposto por Reagan para o Oriente Médio foi duramente rechaçado pelos presentes ao encontro internacional. Esse plano não reconhece a existência do povo palestino e nem a necessidade da criação do Estado palestino. Ao mesmo tempo, foi apoiado por unanimidade o plano de paz denominado

"Plano de Fez", que unifica todas as correntes e posições do mundo árabe.

No campo diplomático, foi enfatizada a necessidade de se abrirem escritórios de representação e embaixadas, tanto da OLP como dos países árabes, em todos os países da América Latina e Caribe. A OLP já tem escritórios e embaixadas em mais de 100 países — na América Latina atualmente existem seis embaixadas palestinas — dentre os 130 que a reconhecem como única e legítima representante do povo palestino. No Brasil existe um escritório da Organização em Brasília, a cargo do médico Farid Sawan, que coordenou o encontro palestino em São Paulo.

A OLP conseguiu uma grande vitória política e diplomática para a causa palestina com a presença de representantes de todos os partidos políticos — inclusive o PDS, com o deputado José Bonifácio que falou da heroica luta dos palestinos — e mais de 50 parlamentares na solenidade de abertura do Congresso palestino. Secretários estaduais e

municipais, sindicatos, entidades populares e estudantes (UNE e UBES) foram dar seu apoio. Rogério Lustosa, representante da Comissão pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil, entregou a direção do Congresso uma mensagem manifestando "irrestrição solidariedade à causa do povo palestino contra o imperialismo e o sionismo".

O prefeito de São Paulo, Mário Covas, recebeu do ministro da OLP, Khaled Al Hassan, a chave simbólica da cidade de Jerusalém. Mais de duas mil moções foram enviadas por parlamentares, entidades e sindicatos que não puderam comparecer à abertura do Congresso. Mais de 1.500 pessoas presentes na solenidade se emocionaram com a execução dos hinos nacionais da Palestina e do Brasil. Khaled Al Hassan foi muito aplaudido quando terminou seu discurso dizendo com razão que o Congresso seria vitorioso, "pois tanto os palestinos como os seus filhos têm a sina da luta e do combate pela liberdade no mundo". (Lejeune Mato Grosso Xavier)

Militares não querem responder por seus crimes

A Argentina continua sua luta para esclarecer o que ocorreu no país durante a chamada "guerra suja" que os militares travaram contra os democratas e patriotas, no período em que estiveram no poder. No dia 4, foi apresentado o programa "No Mas" (Nunca mais), feito pela Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas, para a televisão. Nele, a população assistiu ao depoimento de várias vítimas da repressão e familiares de desaparecidos sobre os poderes da ditadura militar que empalmou o poder em março de 1976. No programa a Comissão deu conta de 8.800 desaparecidos, dentre os quais 160 com idade de 13 e 18 anos. Foi formalizada também a denúncia de que só foram encontradas 24 das 173 crianças nascidas nos cárceres. "Nunca mais. Que isso jamais se repita", afirmou o presidente da Comissão de Pessoas Desaparecidas, Ernesto Sabato.

Mas os militares reagiram à denúncia pública de alguns de seus crimes. No momento em que a televisão estatal transmitia o programa "No Mas", uma bomba foi lançada contra a emissora e telefonemas com ameaças anônimas foram feitos a vários órgãos de imprensa e entidades democráticas. No Círculo de Suboficiais da Reserva das Forças Armadas, o brigadeiro Cayo Al — Sina conclamou seus colegas de farda a se sublevar contra as denúncias dos crimes da ditadura.

O presidente Raul Alfonsín, por seu lado, exonerou o general Jorge Argüendey da chefia do Estado Maior do Exército e transferiu outros três generais para a reserva, numa ofensiva contra uma articulação golpista que grassava entre oficiais. No dia 10 último, Alfonsín assinou decreto obrigando todos os militares, da ativa ou reserva, a deporem quando chamados pela Comissão Nacional de Pessoas Desaparecidas. Vários militares negavam-se a depor, alegando não terem autorização de seus superiores para isso.

Vitória da greve dos operários bolivianos

Terminou vitoriosa, no dia 9, a greve geral convocada pela Central Operária Boliviana (COB) para forçar o governo de Siles Zuazo a cumprir seus compromissos com a própria COB, assumidos um mês antes. Zuazo havia se comprometido a suspender o pagamento da dívida externa da Bolívia, mas ao invés disso estava buscando a renegociação dessa dívida.

A greve geral, iniciada dia 5, atingiu 95% das atividades do país e entre as conquistas que ela proporcionou aos operários estão: suspensão do pagamento da dívida externa, aumento salarial de 30%, escala móvel de salário a partir de agosto, congelamento dos preços de sete produtos básicos de alimentação etc.

EUA condenam 1202 à pena de morte

Nos Estados Unidos existem 1.202 pessoas à espera da execução de suas sentenças de morte. Na sua imensa maioria, são gentes de origem humilde, levadas à marginalidade pela putrefação do sistema capitalista. Em 1982, eram 1.063 condenados à morte, o que significa que só no ano passado outros 139 cidadãos norte-americanos

foram condenados à pena capital. Ocorreram duas execuções em 1982, e cinco em 1983. Mas somente até 20 de junho deste ano, nove pessoas já foram para a cadeira elétrica, ou para o pelotão de fuzilamento, forca, câmara de gás, ou ainda receberam uma injeção letal. Contudo existem outras maneiras de um condenado sair dos chamados "corredores da morte". No ano passado, por exemplo, cinco desses presos morreram naturalmente, três suicidaram-se e um foi morto quando tentava fugir...

Portuários apóiam mineiros ingleses

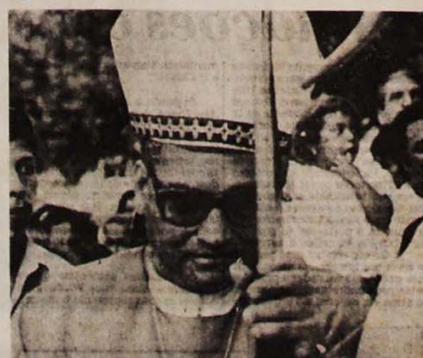
Depois de quatro meses de greve, os mineiros ingleses passaram a contar desde terça-feira, dia 10, com uma poderosa solidariedade. Os portuários de sem portos britânicos decidiram paralisar suas atividades em apoio à luta dos trabalhadores nas minas de carvão, ameaçando o abastecimento de legumes, verduras e carnes importadas pela Inglaterra. O movimento também é apoiado por ferroviários e motoristas, que não mais transportam nenhum carvão. A greve, iniciada no dia 9 de março, é uma resposta dos trabalhadores ao plano da primeira-ministra Margaret Thatcher de fechar 20 das 190 minas de carvão, o que desempregaria 20 mil operários.

Provocação contra os sandinistas

Como se não bastassem os ataques dos "contras" (contra-revolucionários) contratados pela CIA, a jovem Nicarágua sandinista enfrenta agora a contestação da conservadora hierarquia católica local. Aconselhado pelo próprio Papa, o arcebispo nicaraguense já liderou até uma passeata de apoio a um padre que foi pilhado ajudando os "contras".

Realmente, antes de liderar a passeata, o arcebispo dom Obando y Bravo vouou para Roma e conversou com o Papa durante várias horas, sobre política nicaraguense. Recebeu ali o sinal verde para impulsionar o movimento contra o poder popular sandinista e aplicou à risca as instruções recebidas. Convocou a passeata e colocou-se à sua frente.

Só não se pode dizer que dom Obando seja um grande mobilizador de povo. Encabeçada por ele próprio, com a participação de dois bispos, e nada menos que 30 padres, a passeata de segunda-feira, dia 9, reuniu apenas 200 pessoas — o que dá cerca de cinco "ovelhas" para cada



Dom Obando y Bravo: apoiando os agentes da CIA na Nicarágua

"pastor". O número de jornalistas e correspondentes da imprensa estrangeira convocados para cobrir o evento quase iguala o de manifestantes.

Dom Obando não se deu por achado. Puxando orações e cânticos, conduziu seus fiéis ao longo de dois quilômetros até o seminário nacional, onde se manifestaram em apoio ao padre Amado Pena. Pena foi pilhado em flagrante e filmado pelos sandinistas, no preciso

momento em que recebia armas das forças da FDN, remanescentes da famigerada Guarda Nacional do ditador Anastácio Somoza.

ISOLADOS DO POVO
Consciente de que o assunto era delicado — a Nicarágua é habitada por uma ampla maioria de católicos —, o governo sandinista tratou-o com cautela. Em vez de prender o padre, preferiu mantê-lo "recolhido" no seminário. Em re-

lação à passeata de segunda-feira, entrou em contato com a hierarquia e procurou sustar o que considerou "um ato de provocação".

Porém dom Obando, sentindo-se apoiado pelo Papa, fincou pé e terminou pagando um preço elevado por isto. Diante do fracasso da manifestação, que mostrou um virtual isolamento da hierarquia católica, os sandinistas partiram para a contra-ofensiva. Divulgaram na imprensa fotos documentando as boas relações da cúpula eclesial com o velho regime. E decidiram expulsar da Nicarágua os dez padres estrangeiros que tomaram parte na malfadada passeata em apoio a Amado Pena. O povo, que vem acompanhando de perto a alta hierarquia católica desde a viagem do Papa a Managua, compreendeu e deu apoio ao governo sandinista.

Vale dizer que nem só de gente como dom Obando e feita a igreja nicaraguense. Uma parte dela incorporou-se ao processo revolucionário, desde os tempos heroicos da guerrilha contra Somoza, fornecendo inclusive mártires e heróis. A hierarquia eclesial, porém, mostra a cada dia sua ojeriza ao poder surgido da vitória da revolução.

Leia e estude o marxismo-leninismo

Pela liberdade e pela democracia popular - J. Amazonas	Cr\$ 2.000,00
Revisão chinesa de Mao Tse Tung - J. Amozonas	Cr\$ 2.000,00
Eurocomunismo e Anticomunismo - Enver Hoxha	Cr\$ 4.000,00
Relatório ao 8º Congresso do PTA - Enver Hoxha	Cr\$ 2.000,00
Discurso aos Eleitores - Enver Hoxha	Cr\$ 1.000,00
Farabundo Martí, herói do povo de El Salvador	Cr\$ 1.000,00
Os comunistas e as eleições V. I. Lênin	Cr\$ 2.000,00
Em defesa dos direitos e da emancipação da mulher - Luis Morais e textos de Marx, Engels, Lênin e Bebel	Cr\$ 1.500,00
Guerrilha do Araguaia	Cr\$ 5.000,00
Revista Principios, coleção encadernada do nº 1 ao 5	Cr\$ 2.000,00
Revista Principios, coleção encadernada do nº 1 ao 8	Cr\$ 8.000,00
Obras escolhidas de Marx e Engels, 3 volumes, o exemplar	Cr\$ 5.500,00
Manifesto do Partido Comunista - Marx e Engels	Cr\$ 1.500,00
Ideologia alemã - Marx e Engels	Cr\$ 4.000,00
Escritos Militares - Marx, Engels e Lênin	Cr\$ 5.900,00
Miséria da Filosofia - Marx	Cr\$ 3.300,00
Trabalho Assalariado e Capital - Marx	Cr\$ 1.200,00
A origem do capital - Marx	Cr\$ 3.600,00
Anti-Dühring - Engels	Cr\$ 5.000,00
Dialética da Natureza - Engels	Cr\$ 5.000,00
A origem da família, da propriedade privada e do Estado - Engels	Cr\$ 3.500,00
Marxismo e o problema colonial - Stálin	Cr\$ 3.300,00
Materialismo dialético e materialismo histórico - Stálin	Cr\$ 1.700,00
Fundamentos do leninismo - Stálin	Cr\$ 2.500,00
Obras escolhidas de Lênin, 3 volumes, o exemplar	Cr\$ 7.500,00
O Estado e a revolução - Lênin	Cr\$ 3.500,00
O que fazer? - Lênin	Cr\$ 3.500,00
Sobre os sindicatos - Lênin	Cr\$ 3.500,00
O Programa agrário - Lênin	Cr\$ 3.200,00
O trabalho do Partido entre as massas - Lênin	Cr\$ 3.200,00
Tês fontes e três partes constitutivas do marxismo - Lênin	Cr\$ 2.200,00
Esquermismo, doença infantil do comunismo - Lênin	Cr\$ 3.300,00
Imperialismo, fase superior do capitalismo - Lênin	Cr\$ 3.300,00
Como lutar o povo - Lênin	Cr\$ 1.500,00
Princípios fundamentais do marxismo - Plekánov	Cr\$ 2.300,00
Os dez dias que abalaram o mundo - John Reed	Cr\$ 6.500,00
História da AP (da JUC ao PC do B) - A. Arantes, H. Lima	Cr\$ 6.300,00

Pedidos com o envio de cheque nominal, no valor da compra, para a Editora Anita Garibaldi, av. Brig. Luís Antônio, 317, 4º andar, sala 43. CEP 01317. Fone 34.0689 — São Paulo — SP.

Democratas alagoanos lançam Tancredo Neves

Um "Manifesto dos Alagoanos à Nação", assinado pelo mais amplo leque de forças representativas do movimento democrático e popular de Alagoas, foi divulgado no início desta semana, defendendo uma solução democrática, eleições diretas e Constituinte, e lançando o nome do governador Tancredo Neves como candidato único das oposições.

Como consequência prática desta iniciativa, está sendo feita uma maciça convocação da população para a convenção estadual dos movimentos populares e democráticos, na sexta-feira, a fim de ratificar esta posição.

O manifesto foi divulgado pela televisão e obteve grande repercussão. É assinado por partidos políticos legais e pelos ainda não reconhecidos legalmente sindicatos, associações profissionais, entidades estudantis, OAB, associações comunitárias, entidades democráticas e diversas personalidades políticas locais, inclusive prefeitos do interior.

Os signatários do documento apelam em favor de "uma solução democrática para o problema sucessório, que corresponda aos anseios da nação e às esperanças do povo brasileiro". Mais adiante, manifestam a convicção de que "todas as forças democráticas do país saberão unir-se no sentido de criarem-se comitês populares e



Governador mineiro aparece como nome de unidade

suprapartidários em torno de uma única candidatura". E concluem que o candidato na situação atual que reúne as condições para "um governo de transição que há de restaurar o regime democrático a que aspiramos" é o governador Tancredo Neves.

O deputado Eduardo Bonfim, um dos signatários do manifesto, afirmou que "este documento e a convenção significam passos gigantes dados pelos democratas alagoanos no rumo da consolidação de uma poderosa frente democrática

nacional contra o continuismo do regime". Para Bonfim, "a candidatura única deve ser levada às ruas, junto com um programa mínimo que atenda às necessidades vitais e urgentes do país, no campo político, econômico e social".

Enio Lins, da Comissão Pela Legalidade do Partido Comunista do Brasil, também assinou o manifesto e declarou que "a luta pelo fim do regime militar ganha mais força com esta iniciativa de Alagoas reunindo forças políticas tão amplas". (da sucursal)



Foto: Miriam Fichtner

Entrosados com as massas, os comunistas propõem plano de unidade popular

Comunistas propõem Programa Mínimo do candidato único

Tem enorme importância a proposta dos comunistas, que acaba de ser divulgada, de um programa mínimo e de um plano de emergência, que sirva de base para um candidato único das oposições contra o regime militar. Não é uma solução de longo prazo mas um instrumento imediato, para a situação de impasse em que vive o país, e que possa unir agora todas as correntes oposicionistas.

Todos os trabalhadores e todos os democratas consequentes têm hoje a imensa responsabilidade de estudar e debater esta proposta, assim como outras que aparecem, visando a realização de uma ampla assembleia popular e democrática para discutir o assunto com representantes de todas as organizações políticas, sindicais, de bairro, de nosso povo. Com base numa plataforma aprovada num encontro deste tipo, o povo terá condições de dar continuidade à luta democrática de massas, numa combativa campanha eleitoral do candidato único das oposições. A seguir, o texto integral do documento, assinado pela Comissão Nacional pela Legalidade do PC do Brasil:

Os comunistas que defendem a legalidade do Partido Comunista do Brasil apresentam como contribuição à elaboração do Programa Mínimo do candidato das forças de oposição à Presidência da República os itens abaixo. Acentuam ser a dívida externa assunto fundamental à saída da crise e julgam indispensável a explicitação das questões relativas às liberdades democráticas, assim como às reivindicações de caráter social. Considera esses itens exigências mínimas visando soluções imediatas e inadiáveis de alguns dos graves problemas que afligem a nação. Ao fazer tais propostas, os comunistas têm em conta que se trata de um programa de frente única e de natureza transitória.

1º Anulação dos Acordos com o FMI. Suspensão do pagamento das dívidas externas e dos respectivos juros até que a nação decidida, com liberdade, o destino a dar a esses compromissos.

2º Retomada do desenvolvimento econômico em base independente, com o resguardo dos interesses nacionais e a ampliação e o fortalecimento do mercado interno.

3º Mudança radical da política econômico-financeira do atual governo e sua substituição por uma política econômica de conteúdo nacional e popular. Aplicação de um plano de emergência para atender às dificuldades prementes que o povo e o país atravessam.

4º Combate à inflação a partir de medidas que coibam a evasão de divisas, impeçam novos empréstimos no exterior e restrinjam os gastos não essenciais do Estado.

5º Estímulo ao pequeno e médio produtor de bens destinados ao consumo interno.

6º Garantia das liberdades democráticas, da liberdade de imprensa, de reunião e manifestação pública, de greve, de organização partidária e popular. Liquidação das leis arbitrárias e dos órgãos de controle e repressão política criados pela ditadura.

7º Convocação da Assembleia Constituinte, em

liberdade e autonomia sindical.

10º Combate eficaz à grilagem e à expulsão dos camponeses da terra em quilo trabalho. Providências para a concretização da reforma agrária.

11º Reformulação da Previdência Social com medidas que garantam a contribuição efetiva dos empregadores e do governo e a adoção de multas elevadas aos que sonegarem o recolhimento das contribuições devidas.

12º Reforma tributária em benefício dos Estados e Municípios.

13º Reestruturação do ensino no em todos os níveis, ampliando a área do ensino público e gratuito e garantindo a aplicação de 12% do orçamento da União para o setor educacional.

14º Medidas drásticas contra a corrupção e os corruptos; apuração rigorosa das fraudes praticadas contra o erário público.

15º Política exterior independente e de solidariedade à luta dos povos em defesa de sua soberania nacional e do progresso social.

Plano de Emergência para aliviar os trabalhadores

A difícil situação que atravessa o povo exige a formulação e aplicação de um plano de emergência capaz de atenuar as dificuldades que pesam sobre os assalariados em geral e as massas populares. Os recursos à execução do plano devem proceder da contribuição dos setores empresariais, dos bancos, de todos os empreendimentos rentáveis. O Estado terá que canalizar recursos para o plano, retirando-os da economia de divisas, com a suspensão do pagamento das dívidas, com dotações orçamentárias apropriadas, com o corte das verbas reservadas às mordomias.

1º Abono de emergência aos assalariados e ao funcionalismo público visando restituir parte das perdas em seu poder aquisitivo.

2º Revogação do decreto 2.065 a fim de combater o arrocho salarial.

3º Os alugueiros subirão no máximo 60% do índice do INPC a uma vez por ano.

4º As contas de luz, gás, telefone e água terão aumentos de 50% do índice do INPC a uma vez por ano.

5º Os transportes coletivos serão subsidiados a fim de evitar constantes aumentos nas passagens.

6º Venda em larga escala de gêneros de primeira necessidade pela Cobal a preços reduzidos para evitar os gastos da intermediação e servir de contenção às altas injustificadas de preços.

7º Congelamento das anuidades escolares por três anos.

8º Rigoroso controle dos preços dos combustíveis, que não poderão ser onerados arbitrariamente.

9º As prestações da Casa Própria serão inferiores à percentagem do aumento dos salários e vencimentos. Aos desempregados será suspenso temporariamente o pagamento dessas prestações.

10º Concessões de terrenos destinados à construção de moradias para o povo.

11º Ajuda aos hospitais, escolas e restaurantes universitários ameaçados de fechamento.

12º Ajuda aos desempregados, nos, criação de novos empregos e abertura de frentes de trabalho de utilidade pública.

13º Assistência de todo tipo às populações flageladas a fim de que reconstituam suas vidas nas regiões em que vivem.

14º Imposto Especial, em caráter transitório, sobre os lucros dos bancos, das grandes empresas e dos investimentos rentáveis, a ser aplicado na execução do plano de emergência.

15º Criação de um Centro, devidamente fiscalizado, para administrar os fundos recolhidos e os gastos relativos ao plano de emergência.



Airton, Beth Mendes e Eudes discordam da estreiteza petista.



Foto: Wagner

PT insiste na tese da divisão

No último sábado, dia 7, o PT reuniu seu Diretório Nacional, no Rio de Janeiro. A resolução política do encontro é marcada pelo derrotismo e espírito de divisão das oposições. A tal ponto que o próprio líder do partido na Câmara Federal, Airton Soares, disse que não aceita "política de gueto".

O presidente do partido, Lula, afirmou em entrevista coletiva à imprensa que, por decisão da sua direção nacional, "vai boicotar o Colégio Eleitoral para educar a opinião pública e formar uma consciência popular de que este Colégio precisa ser condenado".

A direção petista é que precisa se educar, aprender com o povo que, acima de tudo, é necessário liquidar o regime militar. Há mais de sete meses o povo, com milhões e milhões nas ruas, vem denunciando o Colégio Eleitoral — não precisa ser "educado" para isto pelos dirigentes do PT.

Lula explicou ainda que a segunda decisão do encontro foi a condenação da tese da candidatura única das oposições. Ele chegou a dizer que "o PT tem de dar exemplo de resistência ao grande acordo que estão tentando fazer". Mas neste momento, em que inclusive a dissidência do PDS vem se

aproximando do bloco oposicionista, os que mais se esforçam para inviabilizar este "acordo", são justamente Figueiredo, Geisel, Maluf, Andreazza. Tristes "aliados" para um partido que se diz de oposição e ainda defensor dos trabalhadores. Além disto, ao combater a candidatura única das oposições nesta situação, a direção do PT ainda contribui para que a unidade das forças democráticas seja articulada em gabinetes, sem a presença do povo.

A terceira deliberação do PT foi a de centrar toda a atuação do partido na votação da emenda Teodoro Mendes prometida pelo presidente do Senado, Moacyr Dalla, para agosto. Fica evidente que os petistas cairam no jogo do governo. O objetivo do PDS ao acenar com esta votação — ainda não garantida — foi justamente torpedear o movimento unificado das oposições, manobrando com o prazo final

para a desincompatibilização dos governadores, possíveis candidatos a presidente da República. Ficar na dependência desta votação, e de novas manobras governistas, como já aconteceu em abril e em junho, sem buscar logo a mobilização das massas tendo à frente um candidato comprometido com um programa básico democrático, é na verdade prestar um favor aos ocupantes do Palácio do Planalto.

Fica evidente, mais uma vez, que o PT prefere colocar seus interesses de grupo acima dos interesses maiores da nação. Ao invés de mobilizar o povo para derrotar o continuismo do regime e liquidar o Colégio Eleitoral, opta por manobrar e tentar capitalizar para si, eleitoralmente, a justa repulsa da população ao Colégio. Por isto mesmo, no interior do próprio PT levantam-se vozes discordantes. Airton Soares, por exemplo, afirmou que "eu enfrento o fascismo e a corrupção em qualquer foro", referindo-se à possibilidade de ter de derrotar o governo mesmo no Colégio Eleitoral. Os deputados federais José Eudes e Beth Mendes manifestaram esta mesma disposição.

(Luís Fernandes)

Trabalhador! Ajude a imprensa socialista!

Greves, conflitos pela terra, comícios gigantes, luta pela sucessão criam um clima de enorme efervescência de idéias. A burguesia tem poderosos instrumentos para impor suas concepções. A classe operária, única capaz de cumprir a missão de vanguarda para construir um novo mundo, precisa forjar os instrumentos para debater e difundir suas propostas socialistas. Leia, divulgue e assinie a **Tribuna Operária**. Fortaleça a sua imprensa. Cupom de assinaturas na página 9.





Geisel e Figueiredo tentaram um jeito de segurar Aureliano; não encontraram.

Não há quem cole os cacos do PDS na briga da sucessão

O vice-presidente Aureliano Chaves não foi exato ao dizer ao deputado Marchezan que "quem quebrou o vaso foi o presidente Figueiredo e só ele tem a cola para colá-lo", referindo-se à cisão no PDS. O general-presidente não foi o único a quebrar o partido, nem muito menos tem jeito de colá-lo. Uma coisa porém é certa: o vaso está de fato em pedaços.

A última tentativa de remendar os estilhaços da legenda governista, já apresentando sintomas de desesperança, foi a conversa de sexta-feira dia 6 entre os generais Figueiredo e Geisel. O encontro foi tratado como segredo militar. Até o local escolhido - o Palácio da Alvorada, desativado desde 1978 - parecia indicar o tomor de que microfones indiscretos de algum SNI estatal ou privado espionasse a conversa. E Figueiredo conferenciou longas horas com seu antecessor, em busca de uma saída.

Durante alguns dias, o ambiente político voltou a encher-se de versões e interpretações sobre fulminantes iniciativas do regime militar - retomada da coordenação por Figueiredo, lançamento de um quinto "presidênciaável", retrocesso e até golpe de Estado. Passada a poeira, todos puderam ver que o rei continua tão nu como antes e não há fórmula mágica que reconstitua a espatifada base política do regime.

PDS QUASE-CLANDESTINO

Este resultado teve o mérito de espicaçar um pouco o vice-presidente Aureliano Chaves, hoje o líder da Frente Liberal do PDS. Solidamente instalado em cima do muro, Aureliano já perdeu por vacilação excelentes oportunidades de desempenhar papéis de maior peso na cena política. Por último, parecia disposto a curvar-se à opinião de Geisel - como tantos paisanos que, de muito obedecerem a generais nos últimos 20 anos, acabaram viçando o espinhaço. Geisel, porém, é contra a aliança da dissidência pedessista com a frente das oposições. E Aureliano, mesmo sem cortar de vez as vacilações, parece marchar para a aliança com Tancredo Neves. "Vamos compor com as oposições" - disse o vice - "na medida em que nosso partido mantenha as portas fechadas para nós. E poderemos dar o nosso apoio a Tancredo Neves. Por que não?"

Por trás de Aureliano, outros expoentes da Frente Liberal pressionam no sentido de definições mais

rápidas, mais incisivas, mais oposicionistas. Já consideram irreversível a candidatura Tancredo Neves e tratam de acertar o passo com ele. Buscam também o máximo de distância do PDS remanescente - que depois dos ovos que sua direção recebeu no dia 5 está condenado à clandestinidade, segundo a brincadeira que corre em Brasília.

O processo de desagregação do PDS não tem volta. As declarações dos caciques pedessistas sobre uma hipotética reconciliação são apenas para uso externo. E o deputado Paulo Salim Maluf aproveitou para fazer das ruínas do que foi o partido governista o seu bunker - a partir do qual pretende tomar de assalto a Presidência da República.

TANCREDO E O POVO

Por sua vez, o governador Tancredo Neves movimentou-se agilmente para fazer de sua candidatura a expressão de um vastíssimo leque de forças oposicionistas. Depois de apoiado pelos governadores da oposição, ele granjeou a estratégica adesão do deputado Ulysses Guimarães, presidente nacional do PMDB. Também roeu as bases do chamado Grupo Sô-Diretas, que o hostilizava mas procura, em franca desarticulação, a agenda para conversar. Tancredo também conta com simpatias que podem se tornar irresistíveis dentro dos pequenos partidos de oposição. E nos últimos dias tem recebido elogios de vários governadores do PDS que já relutam em continuar ao lado do Palácio do Planalto.

Com a prudência de seus 74 anos de mineiro, o governador Tancredo retardou ainda o lançamento de sua candidatura. Mesmo sem ser um político de caráter popular, ele tem sensibilidade e competência suficientes para saber que até um leque tão amplo será insuficiente se não for completado com a adesão explícita das grandes massas do povo. Quando esta parte estiver assegurada, então sim, não haverá quem segure a candidatura única das oposições. (B. Joffily)

Política de terra arrasada para destruir as estatais

A SEST, secretaria especial do governo federal para coordenar as atividades das empresas estatais, divulgou relatório sobre o desempenho de 335 estatais em 1983. Os dados, do próprio governo, são uma denúncia viva do entreguismo e desagregação econômica impostos pelo FMI e fielmente seguidos por Figueiredo. Os investimentos nessas empresas foram cortados em 20% no ano passado. Em 1982 os cortes já haviam chegado a quase 30%. É uma política de terra arrasada.

As estatais empregam diretamente 1,2 milhão de trabalhadores e são responsáveis por aproximadamente 30% da movimentação da economia brasileira. O corte nos investimentos

vai criando uma situação insustentável. Os investimentos da Petrobrás em 1983, por exemplo, foram cortados em 30%. Não é a toa que a empresa não sai do noticiário, com desastres ecológicos e morticínio de populações, devido a tubos envelhecidos e instalações precárias.

Mas a facada também foi grande nos salários dos funcionários. Nas principais empresas, o corte salarial atingiu 22,5%. Se continuarmos com uma política ditada pelo FMI, ou seja, se continuarmos com esse regime, teremos cortes violentos ainda em 1984 e 1985. A ordem é destruir as estatais, preparando o caminho para um domínio ainda maior das multinacionais.

"Humanidade não pode mais viver sob o capitalismo"

O veterano dirigente comunista João Amazonas realizou, no último dia 11, palestra sobre "O Socialismo Científico, novo estágio do desenvolvimento social", na 36ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência. O prédio da Oceanografia, para onde estava prevista a explanação, ficou superlotado, e a palestra foi transferida para o auditório da FAU, que também teve todos os seus lugares tomados, com assistentes sentados inclusive nos corredores. Depois da palestra, ouvida com muita atenção, Amazonas respondeu às perguntas dos presentes, relacionadas principalmente com a política de alianças do Partido Comunista do Brasil, seus posicionamentos sobre a atual conjuntura política, etc. A seguir, publicamos trechos da palestra:

"As reuniões anuais da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência constituem acontecimento da maior relevância na vida cultural e política do país. São um fórum dos mais qualificados para a apresentação e o debate de temas da atualidade no campo da ciência. Sinto-me honrado em participar desta 36ª reunião da SBPC.

"A Humanidade não mais pode viver sob o sistema capitalista. É patente a inconciliabilidade entre a existência da sociedade e a existência do regime burguês. Surge no plano político a possibilidade real da implantação de outra formação econômico-social: o socialismo científico.



O auditório da FAU ficou completamente lotado durante a palestra de João Amazonas na SBPC.

"Na época atual, cresceu como nunca o antagonismo entre o capital e o trabalho, ou em outros termos, entre a burguesia e o proletariado. Basta que se atende para o número de desempregados - cerca de 100 milhões em todo o mundo - e que, em países como o nosso, não dispõem sequer de um magro salário-desemprego. Essa cifra continua aumentando, por efeito da crise e devido à entrada de novas técnicas na produção. O grau de exploração da classe operária elevou-se extraordinariamente, a faixa da mais-valia, relativa e absoluta, alargou-se. O empobrecimento, também relativo e absoluto dos trabalhadores, e fato que salta à vista.

"Criou-se no mundo uma situação extremamente grave. As contradições capi-

tal x trabalho e, destacadamente, imperialismo versus povos e nações oprimidas ameaçam explodir em grandes movimentos revolucionários, prenúncio das transformações histórico-sociais amadurecidas no seio do capitalismo agonizante.

"Indubitavelmente, em muitos países as tarefas históricas imediatas têm cunho nacional e democrático. Não são propriamente socialistas. Antes, é preciso abater a resistência feroz dos grandes senhores de terra às reformas agrárias radicais, e liquidar de modo completo a espolição e a dominação do imperialismo. São fatores de entrave no crescimento livre, independente, das forças produtivas. Mas a particularidade da situação gerada pela exarcebada de todas as contradições do mundo capitalista indica claramente que essas tarefas e as de caráter socialista se interligam. Não se poderá golpear à fundo o domínio do capital financeiro internacional sem atingir simultaneamente as classes dominantes dos países subjugados.

"O proletariado, e não a burguesia, é o contingente da população ao qual compete dirigir e conduzir a bom termo as importantes tarefas de hoje e de amanhã. O socialismo não é um conceito genérico, sem vinculação classista. Assim como o conceito de capitalismo não pode estar dissociado da classe burguesa, o socialismo tampouco se dissocia do proletariado. Cada regime social tem sua expressão básica em determinada força, a principal da sociedade que ele representa e a que dirige o modo de produção. Falar de socialismo sem considerá-lo produto original da classe operária é equívoco, se não for fuga consciente à sua verdadeira caracterização, ou de-

turpação ideológica desse conceito.

"O capitalismo e o socialismo são dois sistemas distintos e antagônicos. Dai porque o socialismo não pode medrar nos quadros do capitalismo e este não encontra guarida no sistema socialista. Os que imaginam chegar ao socialismo ocupando espaços políticos na direção do Estado capitalista não entendem o caráter de classe e os objetivos que os dois regimes defendem, desconhecendo o antagonismo irreconciliável entre eles. Como sistema, o socialismo nasce somente com a revolução proletária.

"Contudo, a direção da classe operária no processo dessas transformações terá de ser exercida através do partido que Marx denominou, pelos fins que objetiva, de comunista. Não basta integrar-se no movimento sindical, aproximar-se dos trabalhadores, defender suas reivindicações e seguir suas ações espontâneas. Isso tem importância relativa, não é ainda o fundamental. Retrata aspectos parciais da luta de classes que devem ser estimulados e apoiados. Mas o essencial nessa luta são as batalhas políticas pelo Poder. E o partido político do proletariado é o Partido Comunista. Não se trata de proletarismo partidário. Lênin dizia, com toda a razão, que sem consciência revolucionária não existe movimento revolucionário. O proletariado somente se converte no que se chama de classe para si quando tem consciência de sua missão histórica. O portador dessa consciência, nascida do estudo e do conhecimento da ciência social, do marxismo, é o Partido Comunista. Precisamente por isso, o socialismo científico constitui a base teórica do movimento operário."

SBPC destaca crise da universidade pública

O principal tema na 36ª reunião da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) "acabou sendo a crise da universidade brasileira", afirmou o biólogo Crodowaldo Pavão, presidente da entidade, ao fazer um balanço do encontro, realizado entre os dias 5 e 11.

Também muito debatidos durante a reunião foram os temas relacionados com a dependência tecnológica e com a chamada "política social em tempo de crise" - desde a abertura destacada como os principais assuntos do momento. Causou repercussão a denúncia feita pelo físico Luiz Pinguelli Rosa, ex-presidente da Andes, de que os militares comprovadamente estão desenvolvendo programas de

enriquecimento de urânio visando a fabricação da bomba atômica, o que, segundo ele, ainda não ocorreu devido à "total falta de capacidade".

No sábado (dia 7) pela manhã, foi realizado um ato de protesto contra o Itamaraty e em apoio aos albaneses Suifets Yhuveli e Bardhyl Pollo que, boicotados pelo órgão do governo federal, não receberam vistos de entrada no país, para que pudessem participar da SBPC, onde fariam duas palestras. A reunião teve a participação de 10 mil pessoas; foram feitas 3.845 palestras, debates, conferências, seminários e simpósios; 53 sociedades científicas foram inscritas para o encontro, que ocupou 110 salas e foi considerado "um sucesso".

Carros: mercado interno desprezado

Numa enunciação mal feita, o governo disse no dia 6 de julho que estava liberando o preço dos carros e no mesmo dia autorizou um aumento médio de 24%. O Fusca, carro mais barato do Brasil, passou para 7 mi-

lhões de cruzeiros. A liberação dos preços foi uma palhaçada; quem controla os automóveis são cinco ou seis empresas que na verdade têm mais controle sobre o governo do que este sobre elas.

Quando as empresas que aumentam o preço e passam por cima de qualquer controle usam vários truques, um dos mais comuns é inventar modelos "novos"; por exemplo existe o Gol BX, o LS, S e GT,

que muitas vezes têm menos equipamentos e preços mais altos. Em média os preços dos automóveis fabricados cresceram sempre bem acima da inflação.

Seguindo a estratégia dos banqueiros internacionais a indústria automobilística foi se voltando violentamente para o mercado externo e para um mercado interno sofisticado, de alta classe. Qual o carro mais vendido, neste primeiro semestre de 1984? Não, não foi o Fusca; foi o Monza, que tem 12 modelos diferentes e um preço médio de 13 milhões de cruzeiros!

Enquanto a indústria automobilística como um todo teve uma queda global de 7% na sua produção do primeiro semestre de 1984, as exportações subiram 18%. A destruição do mercado interno, forçada pelos trusts, é compensada pelo aumento das exportações.

Foto: Paulo Medeiros



O mercado interno de automóveis é menosprezado pelos trusts, que preferem a exportação.

LIÇÕES DA LUTA OPERÁRIA

Vacilação por temer o povo

A oposição burguesa teme a sua própria vitória contra o regime militar. Vacila porque percebe que a liquidação do sistema arbitrário, implantado pelo golpe de 1964, ao mesmo tempo em que lhe abre as portas do Palácio do Planalto, cria condições muito superiores para o desenvolvimento do movimento operário e popular.

ESQUERDA VACILANTE

Certas correntes que se dizem de esquerda não percebem isto. Também desconfiam das massas e por isto ficam igualmente temerosas com a possibilidade de a oposição burguesa chegar à Presidência da República. Achem que com isto as forças operárias e populares seriam neutralizadas e passadas para trás. Vacilam da mesma forma em relação a outras conquistas democráticas — mas ainda dentro dos limites da revolução burguesa —, a exemplo da Assembleia Constituinte, como foram no início reticentes em relação à campanha das diretas-já ("Não resolve" — dizem).

Este temor revela-se hoje na resistência a apoiar um candidato único das oposições. Não percebem que esta é, no momento, a forma concreta de golpear o regime. Estão assustados, sentem-se impotentes, não acreditam que, com a derrota dos generais, o povo possa abrir seu próprio caminho rumo à liberdade e ao socialismo.

Lênin, referindo-se à situação da Inglaterra em 1920, afirma categórico que o partido da classe operária devia "ajudar Henderson ou Snowden (os liberais) a vencer Lloyd George e Churchill (os conservadores)" e ajudar a maioria da classe operária "a vencer-se por experiência própria... da incapacidade completa dos Henderson... da inevitabilidade de sua falência". Mais ainda, o grande chefe do proletariado mostra que, "sobre a base da desilusão produzida pelos Henderson (liberais) na maioria dos operários", criar-se-ão grandes probabilidades de êxito na luta para liquidar o domínio burguês.

JOGO DOS TROTSQUISTAS

Por mídia política, fruto do deslignamento das massas, esta "esquerda" incoerente volta suas baterias contra a oposição burguesa, ao invés de concentrar fogo na ditadura. Os trotsquistas sempre fizeram este jogo, com o objetivo sujo de dividir o povo. Hoje, acobertados no PT, conseguem uma audiência um pouco maior, causando confusão entre os trabalhadores.

Se o movimento democrático se deixasse levar por estas falsas concepções, estaria fatalmente condenado ao immobilismo. E sem um energético movimento de massas, com objetivos claros, criam-se condições para que os setores vacilantes da oposição entrem em entendimentos com o regime, nos bastidores, para manter o povo longe da luta pelo poder.

O principal obstáculo ao amadurecimento da revolução é, na situação em que vivemos, a presença do regime militar que, apesar de desmoralizado e politicamente isolado, não cede o poder. O único caminho prático para romper esta amarra é a união dos mais amplos setores oposicionistas, inclusive os segmentos dissidentes das fileiras governistas, no sentido de conquistar um governo democrático.

Não há por que temer que nossos liberais — e mesmo conservadores — de oposição se tornem competentes. E, sobretudo, não há por que desconfiar que o proletariado e o povo deixem de aprender com a experiência e abandonem a luta por um novo regime popular rumo ao socialismo. A burguesia é incompetente em nossos dias porque o capitalismo esgotou-se como sistema social. Está condenado pela história.

(Rogério Lustosa)

DE OLHO NO LANCE

Samba e pancada

Na contagem dos votos para o Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, quando ficou evidente a derrota da Chapa 2 nas urnas, uma ala dos partidários de Bombardi começou a gritar: "Recordar é viver... Eu ontem bait em você". Era uma referência à pancadaria da véspera, que derramou sangue operário na porta do Sindicato.

O infame sambinha tem o mérito de deixar claro quem provocou e achou bom o incidente. Foi a cegueira divisionista da Chapa 2 — certamente não dos operários honestos que acreditaram nela, mas de pessoas que nada têm a ver com os sentimentos e as tradições da classe operária.

Divergências, luta de idéias, são coisa normal no movimento operário e sindical. O que é absolutamente anormal, odioso, mesmo, é substituir as idéias, quando elas faltam, por paus e pedras.

Quem age dessa maneira, dentro do movimento, via de regra ou é político, ou pertence à pelegada da pior categoria. E os metalúrgicos de São Paulo, que não têm memória fraca, devem lembrar bem quanto sofreram com tais métodos, num passado que não vai longe.

A maior categoria do país precisa dizer aos autores do samba e da pancadaria que eleição se ganha com propostas, com argumentos. E com votos.

"Uma classe oprimida que não se esforçasse por aprender a manejar as armas, a possuílas, mereceria que a tratassem como escrava. Pois não podemos esquecer, se não queremos converter-nos em pacifistas burgueses ou em oportunistas, que vivemos numa sociedade de classes, da qual não se pode sair senão pela luta de classes. Na sociedade de classes — tenha por base a escravatura, a servidão ou, como agora, o trabalho assalariado —, a classe opressora está armada."

Esta afirmação de Lênin, de 1916, poderia muito bem ter sido escrita por alguém que observasse a violência selvagem que atinge a população pobre do Pará. Este mesmo observador notaria também que os camponeses paraenses heroicamente se recusam a ser tratados como escravos e, tirando lições da vida, aprendem a usar todas as formas de luta para defender o pedaço de terra indispensável para a sua existência. Enfrentam um inimigo que tem a seu lado o Exército, a Polícia Militar, a Polícia Federal e grupos paramilitares de jagunços e pistoleiros.

O aprendizado do povo nessa região pode, a grosso modo, ser dividido em quatro etapas. A primeira começa com a construção das grandes estradas na década de 1960 e tem seu ponto alto na guerrilha do Araguaia. Depois vem a vigorosa retomada das lutas no fim dos anos 70. Segue-se uma brutal ofensiva da grilagem com a criação do Getat em 1980. E de 1983 até agora manifesta-se um novo ascenso das massas camponesas.

Raízes dos grandes conflitos entre invasores e posseiros

Com a construção da Belém-Brasília, seguida depois pela Transamazônica, a Perimetral Norte e outras estradas que retalharam a região, o Pará, que era caracterizado por uma baixíssima densidade demográfica, passou a receber um intenso fluxo de camponeses, vindos de todo o país, acossados pelo latifúndio. Para se ter uma idéia, o município de Conceição do Araguaia em 1950 tinha apenas 4.900 habitantes. Passou para 11 mil em 1960, para 29 mil em 1970 e já beirava os 200 mil em 1980. O município foi subdividido em cinco: Conceição do Araguaia, Xinguara, Santana do Araguaia, Rio Maria e Rendeção.

Não foram só os camponeses que acorreram às novas fronteiras. Já há algum tempo, silenciosamente, grupos estrangeiros vinham apossando-se de imensas áreas. A tal ponto que, em 1968, o brigadeiro e deputado federal Haroldo Velloso denunciava numa CPI do Congresso Nacional que cerca de 20 milhões de hectares haviam sido alienados a grupos multinacionais.

Também muitas empresas brasileiras afluíam para a região, atraídas por incentivos fiscais concedidos pela Sudam para projetos industriais na periferia das maiores cidades. A ocupação real das terras então adquiridas era relativamente lenta — a preocupação maior ainda era obter títulos de propriedade de grandes extensões para usar como reserva ou para especulação. Todas as tentativas de ocupação encontravam pela frente famílias que há várias gerações desbravaram a mata e plantavam para o seu sustento, ou então os posseiros recentes vindos do Nordeste, de Goiás e mesmo do Paraná e Rio Grande do Sul. Este problema não era levado em conta nem pelo Estado, que cedia a terra para a implantação dos novos lati-



O Exército intervém em apoio à grilagem dos grandes grupos econômicos

Lições da violência no Pará



Os camponeses apelam para as armas em legítima defesa; Gringo assassinado

fúndios, nem pelos compradores, que só viviam o lucro. A saída encontrada pelas empresas foi a de todos os opressores: a força bruta.

A partir de 1973, esta situação sofre um brusco agravamento. Para tentar obter divisas no mercado internacional, o governo federal passa a orientar os incentivos fiscais — através da Sudam — para grandes projetos agropecuários, objetivando a exportação de carne. Milhares de trabalhadores foram contratados para derrubar a mata. Depois, o capim era plantado de avião. Ficavam uns poucos peões para cuidar do gado solto. Multiplicaram-se brutalmente os casos de espancamento, invasão de roças, prisão, tortura e assassinato, para expulsar da terra os homens que haviam derramado seu suor na conquista de um sítio onde pudessem viver.

Os conflitos era, desvantajosos para os posseiros, ainda com pouca experiência de resistência diante de um adversário tão poderoso. Rapidamente, entretanto, perceberam que se ficassem restritos aos apelos às autoridades e aos recursos à Justiça — sempre do lado dos grileiros — estariam condenados a sofrer derrota sobre derrota. Mesmo sendo em princípio contra a violência, aprenderam, por imposição dos invasores, que não lhes restava outra alternativa. Elevam seu grau de consciência e de organização. Realizam manifestações de massas e recorrem às armas para se defender. Este processo desembocou na guerrilha do Araguaia que, de 1972 a 75, enfrentou tropas superiores às que foram enviadas pelo Brasil para combater o nazi-fascismo na Segunda Guerra Mundial. A idéia da revolução fincou raízes profundas no campo com esta experiência.

Resistência heroica coloca grileiros em posição difícil

A selvagem repressão que se abateu sobre toda a região neste período podia momentaneamente silenciar os posseiros. Mas não resolveu nenhum dos problemas que afligiam a população local. A luta armada do povo não é, como propagam os donos do poder, fruto de agitação conspirativa, mas consequência da estrutura social vigente e da violência empregada pelas próprias classes dominantes na defesa de seus privilégios.

Em 1976, já se notam sinais de retomada do ímpeto das massas em defesa da terra. Dentre inúmeros

confrontos, vale ressaltar a emboscada de 23 posseiros contra uma tropa da PM que tentava consolidar a demarcação da área açambarcada pela Fundação Brasil Central, o que resultaria na expulsão de um grande número de famílias. Dois soldados foram mortos e dois saíram feridos. O fato gerou uma feroz repressão comandada diretamente pelo Exército. Contudo, depois de muitas idas e vindas, os posseiros ficaram na terra. O exemplo correu mundo, incentivando a resistência. Em Itaipavas, os moradores expulsos do lote 41 discutem a questão e lançam-se vitoriosamente na retomada das glebas perdidas.

Os camponeses voltam a agir organizadamente. Combinam manifestações de massas com ações energéticas de grupos armados. Conquistam numerosos e significativos êxitos. De 1978 a 80, os grileiros são solocados na defensiva.

Com o Getat crescem os assassinatos e a repressão brutal

O governo federal, defendendo os interesses dos grileiros, latifundiários e empresários — particularmente os do capital internacional, que pressionavam para a implantação do projeto Carajás —, colocava em cena um novo instrumento de opressão, o Grupo Executivo das Terras do Araguaia-Tocantins (Getat), diretamente ligado ao Conselho de Segurança Nacional. A política adotada passa a ser a de combater certas concessões, para amainar o ânimo dos camponeses, com uma repressão implacável. A área de atuação do Getat é de aproximadamente 40 milhões de hectares, no quais estão cerca de 350 grandes empresas agropecuárias do Bradesco, Comind, Volkswagen e de outros grupos econômicos brasileiros e estrangeiros.

Os resultados não se fazem esperar. Assassinato, com um tiro pelas costas, de Raimundo Ferreira, o Gringo, candidato a presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Conceição do Araguaia, em maio de 1980. Choque armado na gleba Marabá, em novembro deste mesmo ano, com a morte de quatro pistoleiros e ferimentos em outros dois. Confronto em agosto de 1981, com a morte de um grileiro e ferimentos em quatro agentes da Polícia Federal e um funcionário do Getat — deste episódio resultou a condenação de dois padres franceses e 13 posseiros. Combate de sete dias, em outubro de 1981, na Fazenda Tupã Cereté — do Banco Comind —, com a morte de quatro jagunços e ferimentos em outros dez. Assassinato, com 140 tiros, do posseiro Belchior Marques da Costa, quando trabalhava na colheita, em março de 1982, em Rio Maria. Assassinato, em julho, de Gabriel Pimenta, advogado do STR de Marabá. Construção da estrada Itaipavas-São Geraldo, com 90 quilômetros de extensão e dez postos da Polícia Federal no trajeto — uma verdadeira obra militar.

Esta ofensiva desenfreada da repressão obriga a um certo recuo dos posseiros. Em contrapartida há uma mudança de qualidade na radicalização da luta, os homens do campo, já calejados, não vacilam em elevar o nível do combate para fazer frente à arrogância dos grileiros, do governo, e das Forças Armadas. Escravos jamais! — pensam eles.



Avanço democrático dificulta uso da selvageria policial

As secas no Nordeste, o agravamento da miséria nos latifúndios continuam empurrando levas e levas de trabalhadores em busca de um pedaço de terra na Amazônia. Cresce a pressão das massas que chegam, e aumenta ao mesmo tempo a experiência de luta dos que já estão na região. Acrescente-se a isto a enorme elevação da consciência democrática dos brasileiros, fruto da campanha eleitoral de 1982, e o amargo revés sofrido pelos donos do poder com o resultado do pleito no Pará e em muitos outros Estados.

O governo desmoralizou-se e entrou na defensiva política. O uso indiscriminado da violência policial-militar ficou mais difícil. Os grileiros já não podem contar com a escandalosa proteção do aparato estatal da mesma forma que antes. Em desespero, estes inimigos ferrenhos do povo são obrigados, para prosseguir com as invasões de terras, a apelar cada vez mais para suas próprias milícias particulares de jagunços e pistoleiros. É neste quadro que se explica o surgimento de listas negras, como a que foi denunciada pelo deputado estadual paraense Paulo Fontelles, em junho passado, que resultou no assassinato de Benedito Alves Bandeira, presidente do STR de Tomé Açu, no último dia 4 (ver TO n.º 175 e nesta edição, pág. 10).

Os posseiros aumentam o seu aprendizado na utilização de todas as formas de luta. Recorrem cada vez mais às manifestações de massas. Buscam ampliar o apoio da opinião pública junto a todas as forças democráticas. Percebem também a necessidade de proteger melhor os grupos armados que se constituem, quando necessário, para rebater a violência dos opressores. Empreendem ao mesmo tempo ações ousadas e energéticas quando sentem que os assassinos, embora desmascarados, podem mais uma vez ficar impunes pela proteção da Justiça a serviço dos grileiros — foi o que aconteceu com a invasão da delegacia, onde estavam abrigados os três pistoleiros que mataram Benedito Bandeira, e o justicamento de todos eles pela massa.

A polícia e as autoridades não fizeram nada quando houve a denúncia da lista negra. Permaneceram passivos mesmo depois do crime, não molestando os mandantes, que são muito bem conhecidos. Mas quando as massas tomaram a iniciativa para punir os criminosos, imediatamente as "forças da ordem" se mobilizaram. E se não houver uma rápida ação das pessoas progressistas para frear a violência, mais uma vez o povo é que vai sofrer. A heroica luta dos posseiros do Pará encerra ricos ensinamentos. É um exemplo valioso de como o povo resiste e não aceita ser escravo. Os revolucionários precisam estudar, generalizar e tornar conscientes estas lições. O marxismo não "inventa" formas de luta, ajuda o povo a sistematizar o que o desenvolvimento da luta de classes lhe impõe.

(Rogério Lustosa)

Greve dos assalariados da cana de São Manuel dobra patrões

Os três mil assalariados rurais do município de São Manuel, no interior de São Paulo, conquistaram quase todas as reivindicações que fizeram aos usineiros depois da greve de um dia, na última terça-feira. Até mesmo uma comissão permanente de trabalhadores, com estabilidade de um ano, foi arrancada aos patrões.

O acordo foi considerado "uma grande vitória" por Jorge Maetah, um dos trabalhadores que lideraram a greve. "Talvez seja mesmo o movimento mais bem sucedido que ocorreu até agora no campo em nosso Estado", disse.

Entre dez reivindicações, os patrões foram forçados ao atendimento de nove.

AS CONQUISTAS

O preço pago por tonelada de cana cortada será elevado de Cr\$ 1.430,00 para Cr\$ 2.100,00 (cana de um ano ou

mais) e Cr\$ 2.005,00 (normal); 25% a mais no dissídio coletivo da categoria; cessão de terra não utilizada para plantações que reverterá a preço de custo aos trabalhadores; fornecimento, pelas usinas, de enxadas, limas, facões, luvas e munhequeiras no prazo de 90 dias; pagamento das horas paradas durante a greve; pagamento das horas paradas em consequência de caminhões quebrados; melhores condi-

ções de transporte; serviço social no campo, pago pelas usinas, inclusive enfermaria para os primeiros socorros; fiscalização na balança; contrato direto com a usina, sem intermediação de empregadores.

"Essas conquistas levantaram o moral dos trabalhadores e demonstraram que os patrões entendem melhor os assalariados quando eles lutam", constatou o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Botucatu, Luiz Rúbio. A única reivindicação que não foi aceita pelos usineiros dizia respeito à "eliminação do gato (empregador)", mas mesmo isso ficou para ser resolvido "brevemente".

O presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra Bonita, José Rodrigues Xavier, além de negar apoio à greve, quis convencer os assalariados de que o movimento era "precipitado e inconsequente". Pediu o retorno ao trabalho antes das negociações, argumentando que "só trabalhando os trabalhadores poderão garantir seus direitos".

APOIO DO PREFEITO

Seus argumentos, contudo, não encontraram eco. Sua posição, pelega, foi condenada pelos trabalhadores e pelas lideranças. O movimento, contudo, por outro lado, com o apoio do prefeito Milton Monti (PMDB) de São Manuel. Ele cedeu o Estádio Municipal para as assembleias dos grevistas, sistema de som e automóvel da Prefeitura, "praticamente colocando tudo que tinha ao seu alcance a favor dos trabalhadores".

Não faltou a presença de um provocador infiltrado pela Polícia Federal. Nas assembleias, inicialmente o agente da PF identificou-se como jornalista, depois como assistente social. Sem conseguir explicar por que gravava discursos de lideranças e bate-papos entre grevistas e apoiadores do movimento, acabou desmascarado.

Pressionado, o mesmo funcionário pediu a Polícia Federal e terminou expulso da cidade. Acredita-se que a greve de São Manuel vá incentivar novas paralisações nas regiões próximas. "Uma série de novas conquistas não previstas no acordo de Guariba foi incorporada pelo movimento. Isso certamente vai refletir em outros locais, principalmente nas usinas mais próximas", avaliam lideranças rurais de São Manuel. (Haroldo do Amaral - São Manuel).



Após a revolta de Guariba "a disposição de luta no campo paulista mudou completamente"

Exemplo de Guariba frutificou

Nos dias 16 e 17 será realizada uma assembleia de dirigentes sindicais rurais em Agudos, na região de Bauri, sob a coordenação da Federação dos Trabalhadores Rurais de São Paulo (Fetaesp). Nela, as lideranças deverão definir o conjunto de reivindicações dos trabalhadores nos municípios onde não existem sindicatos, para o acordo que será negociado em setembro com os patrões.

Fontes da Fetaesp afirmam que os acontecimentos de Guariba "terão grande influência nas negociações deste ano. As conquistas dos trabalhadores rurais nesses dois últimos meses constituem as bases mínimas para qualquer entendimento da-

qui para a frente". Prova de um novo estado de espírito, na Federação já se fala em decretar "estado de greve" a partir de primeiro de agosto se os patrões não mostrarem "mais sensibilidade" para com as exigências dos trabalhadores.

"O CAMPO MUDOU"

Desde 15 de maio, quando explodiu a revolta de Guariba, ocorreram várias greves e outros movimentos de assalariados rurais, por aumentos salariais e melhorias nas condições de trabalho. "O clima e a disposição de luta no campo paulista mudaram completamente", segundo a Fetaesp. "É inegável que os trabalhadores exigirão mais de seus sindicatos e de suas lideranças. A sindicalização

aumentou muito, junto com a organização, que é considerável mesmo nos municípios sob coberto por sindicatos", conforme fontes da Fetaesp.

No momento, a principal luta é para manter as conquistas de Guariba. "Em muitos municípios os patrões não estão respeitando os direitos adquiridos nas lutas desencadeadas depois de 15 de maio", segundo a Federação. Em São Paulo existem cerca de 200 municípios sem sindicatos rurais, onde, consequentemente, os trabalhadores são representados diretamente pela Fetaesp. A pauta de reivindicações para o acordo que eles realizam, em geral orienta as demais negociações entre sindicatos,

Canavieiros de Goiás mais fortes e unidos

"O movimento sindical rural em Goiás adquiriu um nível de consciência, mobilização e organização nos últimos meses que não havia conseguido em 20 anos passados". A afirmação é do secretário-geral da Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Goiás, Divino Goulart.

Segundo ele, com o recente movimento grevista dos canavieiros no Estado, "os trabalhadores participaram de várias reuniões, encontros e assembleias. Sindicatos que não conseguiam reunir seus associados nas assembleias, passaram a fazer reuniões fora da sede da entidade, porque ela não comportava o grande número de trabalhadores presentes. Este processo faz o trabalhador adquirir consciência da importância da união para a conquista de suas reivindicações".

Divino acompanhou de perto as greves e os piquetes realizados em Santa Helena, Acreúna, Jandaia, Indiará e Goianésia. "Estas greves serviram para criar um grande número de lideranças de base na categoria. Estas lideranças cumprem um papel muito im-



Em Goiás a greve ajudou os canavieiros a se conscientizarem da sua força.

portante na organização e mobilização dos trabalhadores. Além de conquistar melhorias nos salários, nós conquistamos a estabilidade do delegado sindical, coisa que ocorreu pela primeira vez no sindicalismo rural do Estado."

A amplitude do movimento grevista chega a impedir, inclusive, uma repressão mais energética da polícia. "Na greve de Santa Helena" — conta Divino — "a polícia reprimiu os piquetes. Nas greves seguintes, não interferiu. Em Goianésia,

inclusive, um latifundiário saiu com espingarda e revólver para matar o presidente do Sindical local, e foi preso."

Divino denuncia que os usineiros e fornecedores de cana estão demitindo ilegalmente as lideranças que desportaram nas recentes greves, procurando jogá-las contra as entidades sindicais. "Isto acontece principalmente em Acreúna, Jandaia e Indiará. Ao fazer isso, eles dizem que o Sindicato tira o sossego dos trabalhadores; que o movimento sindical faz

baderna, e por isso eles são obrigados a demitir. Mas os trabalhadores não estão dando ouvidos para essas conversas fiadas, porque a consciência deles está muito desenvolvida."

Para Divino, a luta dos trabalhadores rurais só tende a crescer e ganhar mais força. "E não só crescer para a conquista de melhores salários e seus direitos trabalhistas. Mas se organizando para a conquista do grande objetivo do movimento sindical rural: a reforma agrária."

TRABALHO ESCRAVO

A Fetaeg denunciou no início do mês a existência de 72 trabalhadores vivendo em regime de escravidão na Fazenda Malaca, Araguaína. Os trabalhadores são agenciados pelo "gato" Angelo Luiz. O trabalhador Osvaldo Carvalho foi contratado para fazer roçado e derrubada. Depois de cinco meses de trabalho sem receber nada, resolveu ir embora. Mas daí foi informado que devia para a cantina de Angelo Luiz Cr\$ 1 milhão e meio!

Osvaldo deixou a fazenda, juntamente com sua família, somente com a roupa do corpo. Segundo o vice-presidente da Fetaeg, Eliezer Alves Bento, para acabar com casos como esse "só mesmo com destruição do latifúndio, com uma reforma agrária radical". (da sucursal de Goiânia)



Manifestação dos grevistas das autárquicas pelas ruas de Recife, junho

Ameaças do MEC não intimidam grevistas das autárquicas

A greve nacional dos professores, funcionários das universidades federais autárquicas e médicos-residentes que já dura 60 dias, encontra-se diante de um impasse devido ao fechamento e intransigência do governo, agravado pelas recentes ameaças de punição. A mais longa greve nacional de uma categoria esboçou devido a ameaça concreta de extinção da universidade pública brasileira. Por este motivo, extrapola o significado de uma luta meramente salarial.

A política educacional do governo nos últimos 20 anos asfixiou o ensino público, destruindo-o nos 1º e 2º graus, sendo seu derradeiro reduto o ensino superior, que ano após ano vê as verbas minguarem e os salários reduzirem-se.

EXPURGO NOS SALÁRIOS

A reivindicação salarial dos docentes e servidores técnico-administrativos é extremamente modesta. Estes setores lutam apenas pela manutenção do poder aquisitivo, já baixo, vigente em 1983. Pois, se estas categorias fossem reivindicar a posição salarial que lhes é devida, estariam exigindo hoje índices consideravelmente mais elevados. O governo, além de não aplicar aos funcionários públicos a lei do reajuste semestral a que os demais trabalhadores têm direito, anualmente defasa ainda mais os seus salários. O reajuste dos funcionários públicos foi de 82%, enquanto a inflação espurgada oficial foi de 21%.

O patrimônio nacional que representa a Universidade está sendo progressivamente destruído. Prédios sem conservação e material básico, equipamentos se deteriorando por falta de condições materiais, como foi o caso do biotério de Farmácia da UFBA, que teve de sacrificar suas cobaias por falta de verbas para alimentá-las. Esta situação dramática decorre de uma política governamental privatizante, que visa golpear o que resta do ensino público superior no país.

GREVE LEGÍTIMA

Diante deste quadro, surgiu e desenvolveu-se a greve mais unânime da história do movimento dos docentes e servido-

res, que por estes motivos conseguiu respaldo dos mais diversos setores sociais. No entanto a força e a legitimidade inquestionáveis deste movimento não conseguiram dobrar o governo, no sentido da apresentação de uma solução.

O governo, obediente aos acordos com o FMI que exigem a redução do déficit público por um lado e materializando seu projeto de destruição do ensino público por outro, adota uma estratégia que objetiva matar o movimento por inanição, sem responder às justas reivindicações dos grevistas.

Inicialmente protelatória, a tática do governo passa em seguida à tentativa de intimidação do movimento com ameaças veiculadas que não vingam devido à pronta resposta e mobilização do conjunto das assembleias em todo país. Vendo suas armadilhas desmontadas pela coesão do movimento, o MEC utiliza manobras diversionistas com o objetivo de confundir a opinião pública - como foi o caso do anteprojeto de lei enviado ao Congresso Nacional, dia 2 de julho. Este não só não apresenta nada de concreto para as autárquicas em greve, como tenta golpear as fundações achando seus salários e promovendo uma equiparação salarial "por baixo".

AMEAÇAS DE PUNIÇÃO

A ineficácia destas medidas levou, por fim, o governo a recorrer à única linguagem que conhece no trato dos problemas sociais: no lugar de negociar, apela para a repressão tentando intimidar o movimento.

No fechamento desta edição, o MEC ao invés de apresentar solução para a crise da Universidade, ameaça punir aqueles que hoje defendem professores e funcionários. Mas diversos setores da sociedade se mobilizam, a fim de repudiar a repressão por parte do MEC. A SBPC formou comissão em defesa da Universidade e já buscou o MEC para discutir a greve. Em vários Estados, como é o caso da Bahia, estão sendo formados comitês visando consolidar o apoio à cultura, ao ensino e à pesquisa e à sobrevivência deste setor de grande importância na vida nacional. (Ligia Vieira, do Comando Nacional de Greve - Salvador, Bahia).

Cresce o desemprego entre trabalhadores da cerâmica

Os trabalhadores da indústria ceramista de Itaboraí, Rio de Janeiro, estão enfrentando uma situação calamitosa. Nos últimos 12 meses, o número de empregos no setor caiu de 5 mil para 3 mil e 500. Quem ainda trabalha está submetido a uma jornada de 9 horas, muitos sem carteira assinada. Vários são menores, não tendo nenhum vínculo empregatício.

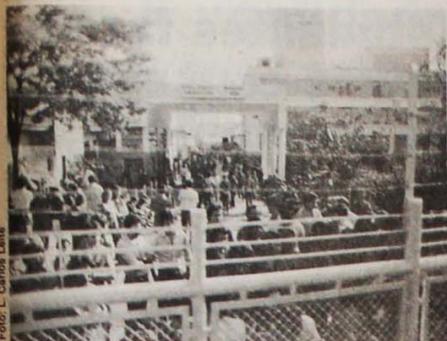
A crise nesta indústria foi causada pela política recessiva do governo Figueiredo. Segundo o vereador Jorge Antônio, do PMDB, "a política governamental para o desenvolvimento da região é incoerente, pois num primeiro momento incentivou os ceramistas a aumentar a produção; construindo fornos consumidores de óleo pesado; e em seguida negou o fornecimento do óleo elevado abruptamente o preço dos derivados do petróleo".

Das quase 130 indústrias exis-

tentes na cidade, 70% entraram em processo de desativação. As duas maiores empresas (grupos J. Lourenço e Almeida) estão boicotando qualquer reação dos pequenos e médios proprietários contra o governo.

Quem mais está sofrendo com a situação são os trabalhadores que perderam seus empregos e enfrentam fome e miséria. Além disso, não têm sindicato próprio; estão ligados ao Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil de Niterói-São Gonçalo, que de há muito não defende os reais interesses da categoria, preferindo conciliar com os patrões.

Enquanto as famílias dos desempregados passam sérias necessidades, o Rotary Club discute propostas para aumentar a segurança e o efetivo policial-militar para combater o aumento da criminalidade na região. (da sucursal)



Os operários do Philco paralisaram o trabalho dentro da fábrica

Philco em greve contra o facção

As 50 demissões provocaram revolta e insegurança entre os trabalhadores. Sobretudo porque a direção da Philco prometia botar na rua mais 200 operários. "Os demitidos vieram falar conosco na segunda-feira, na porta da fábrica, quando foram impedidos de entrar no prédio. Entramos com eles. E com o apoio do Sindicato, que esteve presente desde o 1º dia, decidimos pressionar os patrões com a greve". A declaração é de uma montadora que não quis se identificar para não perder também o emprego.



Aurélio ferido por uma pedrada

Na porta da fábrica podia-se ver os operários (70% são mulheres) sentados no pátio. De vez em quando uma palavra-de-ordem ou uma cantoria inflamava todo mundo. As músicas puxadas por integrantes da União do Mulheres, que ficaram fora da cerca apoiando o movimento, eram repetidas pelas operárias. O ânimo estava alto. "É que a paralisação foi total, coisa que há muito tempo não ocorria aqui" — contava uma jovem montadora ameaçada de demissão porque "tenho um ano de casa e um ano de agitação" — disse. Ela conta: "Os patrões pensaram que ninguém ia parar aqui porque a maioria é mulher. Mas nós mostramos que sabemos lutar, que temos fibra".

Uma suplente da Cipa, Amarilis, 28 anos, nove de firma, foi demitida ilegalmente. "Dei meu sangue esse tempo todo para a firma. Sempre fiz hora extra, que aqui é obrigatório. Agora sou posta na rua como um lixo qualquer. Tenho um filho e nunca tive direito a creche aqui. Sou sindicalizada e estou com a chapa 1 porque o Sindicato vem ajudando os operários. E a chapa vai continuar esse trabalho".

PELA UNIDADE
Cecília e Newton, também demitidos, acham que a greve foi uma beleza, com a adesão inclusive do pessoal do escritório. "Os supervisores aqui tratam o pessoal como se fosse bicho. O Ronaldo, por exemplo, chamou as grevistas de vaga-

bundas, e xingou uma companheira grávida de vaca. Isto tem que acabar. A luta é de longo prazo. Não vamos conseguir tudo numa greve. Mas ela valeu para despertar o pessoal" — avaliam eles.

Os operários, que assistem a entrevista, apóiam as companheiras: "Estamos todos unidos — dizem eles. Nossas companheiras estão mostrando combatividade; e a gente tem que dar força. Contamos também com o Sindicato, que está aqui o tempo todo".

O deputado federal Aurélio Peres, que foi dar apoio aos grevistas como faz tradicionalmente, recebeu uma pedrada na cabeça. "A polícia estava aqui — contam as operárias. Alguns colegas reagiram à repressão. Não sabemos quem bateu no Aurélio. Mas a insegurança provocada pela chapa 2 durante a eleição deixou mal-estar". Além disso o deputado recebeu ameaças dos integrantes da chapa 1. Carliício Castanha declarou que sua chapa buscará a vitória "se for preciso pela força" no 2º escrutínio.

Para evitar que essa disputa prejudicasse a greve, o Sindicato propôs que os simpatizantes das duas chapas vestissem a camisa de propaganda pelo avesso como símbolo para a unidade na luta contra a exploração e patronal. (Olívia Rangel).

Greve e 200 ônibus quebrados em São Miguel

Os motoristas e cobradores da Viação Penha-São Miguel estão em greve desde o dia 3 de março. Eles exigem o pagamento imediato dos salários, atrasados há quase 40 dias, e a desoneração sobre peças quebradas, além da remuneração dos dias parados. A empresa — a maior de São Paulo, com 2.300 funcionários — está completamente paralisada.

Mais de 200 ônibus já foram depredados por trabalhadores e por populares revoltados. Para o vereador Váler Feldman (que pediu ao prefeito Mário Covas uma intervenção "relâmpago" na empresa), "os rodoviários estão desesperados pela fome e já esperam por mais".

A Penha-São Miguel é do grupo Ruas, que tem o domínio das principais e mais rendosas linhas de ônibus de São Paulo — e afirma que não pode pagar os funcionários. Suas alegações são "mentirosas e interesseiras", segundo vários motoristas e cobradores.

O valor da folha de pagamento, a cada quinzena de aproximadamente Cr\$ 750 milhões, "está sendo aplicado no open

market" e em outras operações do gênero no mercado financeiro. Temos informações seguras sobre isso", garante um motorista que integra a Comissão de Negociação. Além disso, "há o objetivo de pressionar e chantagear a Prefeitura para que aumente os preços" — ressalta.

Motoristas e cobradores que trabalham para o grupo são obrigados a pagar peças quebradas durante o trabalho, além de multas "e até mesmo assaltos". A empresa mantém, ainda, um sistema de fiscalização próprio, "que só faz reduzir nossos salários, provocando suspensões constantes do trabalho, quando perdemos o domingo remunerado, coisa que ocorre quase toda a semana".

A população de São Miguel tem dado total apoio aos grevistas, particularmente através de doações para o fundo de greve — que, na semana passada, arrecadou mais de Cr\$ 1,5 milhão. De acordo com diretores do Sindicato dos Rodoviários, já está virando rotina o atraso no pagamento dos funcionários em várias empresas. "Não será de estranhar se ocorrerem novas greves" — avisam.

Unidade na Luta vence eleição e a Chapa 2 agride operários

Com 3.601 votos à frente, a Chapa 1, *Unidade na Luta*, ganhou as eleições para renovação da diretoria do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, ocorrida na semana passada. Por exigência da facista legislação eleitoral do governo militar, haverá nova votação entre os dias 16 e 19 de julho. Prevendo a derrota nas 128 urnas, a Chapa 2 tentou transformar em palco de guerra a rua em frente à sede do Sindicato.

Faltaram apenas 1.300 votos para a Chapa 1 ganhar as eleições no primeiro escrutínio. "A categoria já decidiu: quer a Chapa 1 dirigida o nosso Sindicato. Só que o governo, com sua lei arbitrária, não respeita as decisões dos operários e exige uma segunda votação", comenta Eustáquio Vital, membro da *Unidade na Luta*. Ele ainda ironiza: "O pessoal da Chapa 2 que deveria tomar vergonha na cara e não participar do segundo escrutínio".

João Carlos Gonçalves, de *Juruna*, integrante da Chapa 1, também critica a legislação eleitoral do governo. "Essa lei só, prejudica os trabalhadores. Com ela, os militares cassam diretores sindicais, decidem quem pode entrar numa chapa. O próprio pessoal da Chapa 2 chegou a usá-la para pedir a anulação de 11 membros da nossa Chapa. E agora a usam novamente para disputar as eleições. Não respeitamos os votos dos metalúrgicos, que nos deram a vitória. E ainda agridem a maioria dos sindicalizados que votaram na Chapa 1, com uma propaganda mentirosa e demagógica".

INTERESSES MESQUINHOS

Com 22.516 votos para a Chapa 1 e 18.915 para a chapa adversária, a eleição do Sindicato dos Metalúrgicos despertou as atenções de todas as forças políticas e correntes atuantes no movimento sindical. Afinal, o Sindicato tem a maior base de operários da América Latina, com 330 mil trabalhadores. Dispõe de uma poderosa máquina sindical, com sete subdespachos espalhados pela capital paulista, um sítio-escola em Mogi das Cruzes, colônia de férias em Praia Grande, parque gráfico, etc.

Visando a entidade como alavanca para implantar sua central sindical divisionista (a CUT) e ganhar base eleitoral para o PT, a Chapa 2 montou um forte aparato para disputar as eleições. A Igreja Católica, principal sustentáculo dessa chapa, deslocou dezenas de pessoas de outros Estados (Pernambuco, Bahia, Goiás, Santa Catarina), alojando-as nas suas paróquias. Nas missas de fins de semana, padres distribuíam folhetos que, além das orações, faziam propaganda aberta da Chapa 2. Dom Paulo Evaristo, cardeal de São Paulo, que não convocou seus fiéis para participar dos dois comícios-monstros pelas diretas-já, deu entrevista aos jornais burgueses pedindo os votos para Hélio Bomardi, encabeçador da Chapa 2 e membro da Pastoral Operária.

Também o PT mobilizou seus efetivos e cedeu sua infra-estrutura. Usou até seu programa em rede nacional, de rádio e TV, dia 2, para divulgar a Chapa 2. Apoio e dinheiro externos não faltaram para a chapa divisionista, que rodou cinco jornais diferentes.

A imprensa burguesa também tomou posição, defendendo seus interesses de classe. Fez grande alarde das violências ocorridas em frente ao Sindicato, mas não divulgou os autores do crime — visivelmente membros da Chapa 2. A TV Globo, que teve uma de suas peruas depredadas, preferiu não identificar os badernaes. Já a *Folha de São Paulo*, num editorial de domingo, atacou duramente a chapa *Unidade na Luta*.

MENTIRAS DESCARADAS

Todo este aparato foi utilizado numa campanha em que se estimularam as mentiras e as agressões físicas, lembrando velhos métodos policiais, o que culminou na pancadaria do dia 5, com mais de 60 feridos (ver quadro). Mesmo com a fragorosa derrota no primeiro escrutínio, a Chapa 2 não descartou seus métodos. Seu boletim desta semana traz uma manchete espalhafatosa e mentirosa: "Vitória". Para enganar os operários, omite o resultado final e divulga dados parciais, apresentando-se como vencedora.

O boletim ataca violentamente os aposentados que, segundo a Chapa 2, "tentam impedir a vitória da oposição" e vivem "mendigando remédio no ambulatório do Sindicato". Mostrando sua insensibilidade e desrespeito, escondem que os trabalhadores que hoje não estão na ativa já suaram sua camisa na produção, sendo superexplorados; e que muitos deles ajudaram a construir o Sindicato e estiveram à frente das inúmeras e vitoriosas batalhas travadas pela categoria no passado.



No Ibirapuera, operários comemoram a vitória da Chapa 1 e a derrota da divisão

Chapa 2 usa violência para impedir o voto democrático

No último dia de eleição, na quinta-feira, a Rua do Carmo, em frente ao Sindicato, transformou-se num campo de batalha. Possivelmente estimulados por policiais infiltrados, membros e apoiadores da Chapa 2, armados com pedaços de pau e com pedras, investiram contra os operários que apoiam a chapa *Unidade na Luta*. Resultado da selvageria: mais de 60 feridos.

Durante toda a semana, a chapa divisionista tentou criar tumulto na porta da sede sindical, onde votam mais de 10 mil sindicalizados. Sua tática era visível: criar um clima de guerra para atemorizar os sócios, já sabendo que nas 10 urnas ali instaladas a vitória da Chapa 1 estava garantida e com grande margem de diferença. Com este espírito, a Chapa 2 contou com a ajuda de uma Academia de Capoeira da Zona Sul e chegou a levar para as proximidades uma *Kombi*, carregada de paus e pedras.

Na apuração, dia 6, no Ginásio do Ibirapuera, a PM apreendeu três carros da Chapa 2 cheios de paus pedras e vidros. Prova do apoio externo, um dos carros guinchados era de Volta Redonda, Rio de Janeiro. Outro, uma *Kombi* com placa LR-6951, cujo proprietário apresentou documentos de Porto Alegre. Também foram presos seis cabos eleitorais da Chapa 2.

VITIMA DA SELVAGERIA

Oswaldo Francisco Ramos, sindicalizado há 15 anos, foi uma das vítimas da selvageria. Com a cabeça enfaixada, tendo levado 15 pontos, ele relata: "Quando vi o estouro do tumulto, corri e ali eles me encurralaram sozinho num beco. Estavam em mais de dez e bateram com um sarrafo de peroba, daqueles de fazer assalto. Quando já não aguentava mais (mostra feridas na cintura e nos braços), apareceu um que eu conhecia. Ai eu disse: 'Eu te conheço, ô cara!', e ele apaziguou os capangas".

Sandra, 24 anos, demitida da Taito há três meses, lembra: "Quando começou o tumulto, eu me escondi debaixo de um carro. Mas eles viram a cor da camiseta da Chapa 1 e gritaram: 'Aqui tem um'. Me puxaram pra fora pela perna e logo deram a primeira pancada, na vagina, dizendo que eu era 'puta do Joaquinão'".

Oswaldo foi agredido "com um sarrafo de peroba". Na *Kombi* da Chapa 2, apreendida pela PM no Ibirapuera, a prova do crime

Depois começaram a bater na cabeça. Eu coloquei o braço para me defender e agora ele está assim" — mostra o braço dorido, enfaixado e numa tipóia.

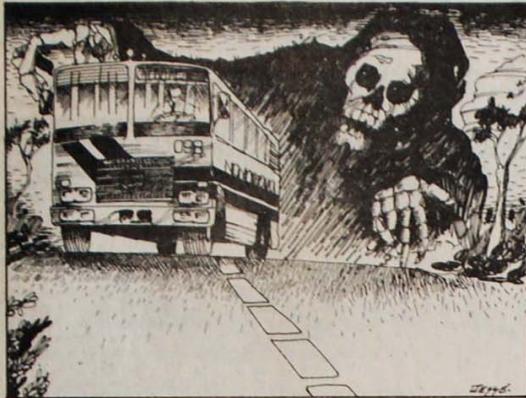
Já um cipeiro da Artindústria, com um grande curativo na cabeça, recorda: "Foi na hora em que o pessoal da 2 avançou, jogando pedras. Eu me defendi, mas o pessoal me cercou. De certa forma, esta agressão vai desmascarando a Chapa 2, que usa uma linguagem de oposição para se aproveitar do sentimento oposicionista que é forte na categoria".

DOIDOS E BÉBADOS

Gravemente ferido, José Luis Ribeiro reconstituiu a cena: "Eles começaram a cercar a rua e vieram pra cima, meio doidos, um bocadinho bêbados, olhos vermelhos. Um me deu uma acetada com uma tábua de peroba na cabeça; outro me deu chutes nas costas; e um deu uma paulada no braço. Acho que tinha prego na madeira e furo o braço. Fui levado para o Hospital da Aclimação e fiquei dois dias internado, devido a suspeita de fratura no crânio. Também levei dois pontos no braço".

Antônio Acácio, que levou seis pontos na cabeça e teve o braço enfaixado, conclui, revoltado: "É uma covardia o que a Chapa 2 fez. Eles não aceitaram a derrota. Agiram com vandalismo. Decretaram uma guerra, jogando trabalhador contra trabalhador. Quem deve ter ficado satisfeito foram governo e patrões, que querem nos ver divididos".





Alta exploração dos motoristas na Belém-Brasília

Recentemente, viajando na linha Brasília-Belém pela empresa de ônibus Transbrasiliana, constatamos não só a existência em índice elevado de má-vela, como também o regime de trabalho desumano imposto aos motoristas. Nesta viagem, o turno de trabalho dos motoristas é estafante, pondo em risco sua própria vida e a de mais 50 passageiros quando o ônibus está lotado, o que é comum.

Acreditamos que todas as pessoas que viajam em linhas de grande curso estão perto de morrer e não sabem. Quando ocorrem os acidentes causados por perda de vida, a pericia conclui: Falha humana! Mas perguntamos: O que provoca esta falha humana? É um turno noturno de trabalho ininterrupto, com duração superior a 8 horas, não raro de 12 horas. O trecho de Acailândia (Maranhão) - Belém, devido às condições atuais (estrada péssima), para um só motorista num turno

noturno é suicídio, é pôr em risco a vida de muitas pessoas, pois sabemos que ele ainda não está recuperado de outras jornadas.

Nos locais de troca de motorista, aquele que termina seu turno tem 10 horas de descanso por norma do DNER. Mas estas horas muitas vezes são fraudadas no relatório do motorista para atender às conveniências da empresa. Assim, o motorista enfrenta outro turno de trabalho sem o descanso devido. Isso esgota qualquer ser humano, sem contar com as agravantes de baixo salário sem remuneração de horas extras.

Solicitamos a publicação desta denúncia, pois através dela os motoristas da Transbrasiliana e outras empresas sentirão a necessidade de se unir e lutar para transformar o Sindicato deles, que hoje só atende aos donos de empresa. (J.H.M. - de passagem por Colinas de Goiás)

Operários da Stanley têm direito à saúde

Trabalhei cerca de 10 anos na Ferramentas Stanley S/A e gostaria de trazer a público uma denúncia. Esta empresa, num flagrante desrespeito à legislação trabalhista, não paga adicional de insalubridade, já que os funcionários da fábrica são constantemente expostos a excessiva fumaça, calor, mau cheiro, ou seja, não têm as mínimas condições de trabalho. Desse modo,

sai da empresa por estar doente por causa da poluição exagerada. Gostaria que a fiscalização tomasse providências em relação a isso.

A fumaça é muito quente, os banheiros têm mau cheiro. Sai porque não aguentava mais. Mas queria que meus colegas recebessem este direito. O direito à saúde e ao adicional de insalubridade. (ex-operário da Stanley-São Paulo, SP)



Trabalho de tipo escravo no restaurante da UFRRJ

Desejo fazer uma denúncia nas páginas deste importante jornal, instrumento de orientação política para a classe operária, para os camponeses e trabalhadores em geral.

A Concessionária Castello presta serviços ao Restaurante Universitário da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. Tem sido alvo de sérias críticas dos estudantes e atualmente vem tratando seus funcionários como escravos.

O pagamento é quinzenal e a empresa chega a atrasá-lo até 8 dias. Os funcionários não recebem adicional de insalubridade e os mesmos que trabalham nos fogões são obrigados a pegar os alimentos nos refrigeradores,

expondo-se desta forma a contrair alguma doença. Um grande número de funcionários não tem carteira assinada até hoje, apesar de já estarem trabalhando na firma desde março de 1984.

O proprietário, sr. Itamar, adota a tese do lucro máximo e não mede esforços para consegui-lo, ora prejudicando a qualidade da comida servida, ora impedindo até que os funcionários da firma peguem dois copos de leite. Aproveita-se também o proprietário da grave crise que se atravessa com alto índice de desemprego, para impedir a organização dos funcionários, que temem ser demitidos a qualquer momento. (funcionário da UFRRJ amigo da TO - Rio de Janeiro)



fala o POVO

O bairro Soledade, em Aracaju, Sergipe, transformou-se numa enorme lixeira, segundo denúncias, por incompetência do prefeito e do governador do Estado, ambos do PDS. Segundo a carta que recebemos, até recém-nascidos mortos foram encontrados na lixeira criada no bairro, a céu aberto. E a população agora tem de enfrentar o mau cheiro e as perigosas consequências da convivência com o lixo, como doenças, moscas etc.

O fato é indicativo da falta de atenção das autoridades com o bem-estar da população. Para elas o lixo na periferia não causa incômodo. Quem sofre são "apenas" os trabalhadores, os que criam as riquezas e são obrigados a suportar a podridão que os ricos produzem. (Olivia Rangel)

Mulheres operárias de S. P. avançam após seu encontro

Realizou-se, no dia 16 de junho, na sede do Conselho Estadual da Condição Feminina, uma reunião de avaliação do 1º Encontro da Mulher Trabalhadora na Indústria de transformação do Estado de São Paulo, promovido pela entidade, por uma comissão de sindicalistas e pela Secretaria Estadual de Relações do Trabalho.

Participaram desta reunião mulheres dirigentes sindicais de 12 sindicatos operários do Estado, além de representantes das entidades que promoveram a reunião.

Constatou-se que já houve uma significativa mudança na participação das mulheres nos sindicatos em decorrência do 1º Encontro. Como exemplo, podemos citar os seguintes acontecimentos: 1 - no Sindicato dos Metalúrgicos de Lorena, as mulheres que participaram do Encontro conquistaram espaço para uma operária na chapa única que concorrerá nas próximas eleições, "fato inédito no Sindicato"; 2 - na Sabesp/Cetesp, as participantes mobilizaram-se por creche através das comissões de mães; 3 - no Sindicato dos Calçados de São José dos Campos, as diretoras que participaram do Encontro conseguiram introduzir na pauta da campanha salarial várias e importantes reivindicações específicas das mulheres da categoria; 4 - nos Graficos de Campinas, a primeira diretora desde a fundação da entidade, Sônia, que havia sido demitida do jornal em que trabalhava, foi readmitida, devido às denúncias feitas durante o Encontro.

Desta reunião tirou-se uma pauta comum de reivindicações específicas das trabalhadoras, a ser sugerida aos sindicatos, para que incluam nas próximas campanhas salariais: creche nas empresas para atender aos filhos das trabalhadoras com idade de 0 a 7 anos; proteção à gestante por 120 dias após o parto, com mudança de função quando a exercida for prejudicial à sua saúde; registro na carteira correspondendo à verdadeira função exercida; profissionalização; fim à discriminação quanto ao estado civil. (Maria de Lurdes Rodrigues e Alda Marco Antônio, da Comissão Sindical do CECF - São Paulo)

Na Tavares Bastos moradores sabem tratar suas lutas

A Tavares Bastos, uma comunidade carente da Zona Sul do Rio de Janeiro, abriga hoje mais de 4 mil habitantes. Obedecendo a um plano do Conselho de Moradores junto à Secretaria de Desenvolvimento Social, a população já conseguiu que os barracos de madeira fossem substituídos na sua quase totalidade por casas de alvenaria; conseguiu, ainda, que a rede de água e esgotos fosse quase normalizada, e conquistou uma creche e uma escola maternal.

Há dois anos, a Tribuna Operária convive fraternalmente e apoia a luta dos trabalhadores que ali residem. O presidente do Conselho Comunitário daquela área procurou o nosso jornal para denunciar a presença incômoda de representantes do PT que estão morando na favela e procuram intervir de forma negativa na vida comunitária.

Estas pessoas estão tentando interferir nos entendimentos entre a diretoria da Associação e o Conselho Comunitário de Saúde da IV Região Administrativa, para a construção do miniposto de saúde na localidade.

O Conselho de Moradores não precisa de eles entre a sua diretoria e os órgãos governamentais que apoiam as reivindicações comunitárias. (grupo de vendas da TO em Cate e Flamengo, Rio de Janeiro)

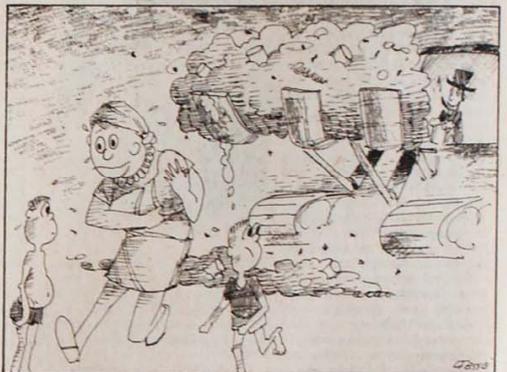
Estudantes fazem greve e conseguem vitória em Mossoró

A greve na Fundação Universitária Regional do Rio Grande do Norte, que durou 21 dias, terminou no dia 28 de junho com uma passeata e um ato público. Na ocasião, mais de 300 estudantes queimaram, ao som do Hino Nacional, um judas representando a ministra da Educação e um caixão representando o regime militar.

Os estudantes em greve reivindicavam principalmente o rebaixamento das mensalidades. Ao final do movimento, conseguimos as seguintes vitórias: 1) aumento de 45% nas mensalidades; 2) participação de 1/5 de estudantes nos Conselhos e eleição direta para os diretores dos cursos; 3) volta do material de ensino; 4) nenhum aluno fora de aula por não-pagamento das mensalidades; 5) abono das faltas do período de greve; 6) apuração dos

atos de violência praticados pelos professores-militares, coronel Renvelo, do curso de Direito, e tenente Moraes, diretor do curso de Letras, que ameaçaram os estudantes com revólveres durante um piquete.

A greve foi vitoriosa e teve um papel importante por acabar com o marasmio do movimento estudantil na Fundação. Mesmo com a vitória, temos que continuar mobilizados, dando prosseguimento ao movimento. Além disso, foi uma experiência cheia de ensinamentos, como a necessidade de politizar a luta, para avançarmos para a conquista de melhores condições de ensino, que só serão possíveis com o fim do regime militar. (grupo de apoio à TO na Fundação Universidade Regional do Rio Grande do Norte - Mossoró, RN)



Governo atrai o povo de Soledade na lixeira

A finalidade destas linhas é denunciar a todo o povo do Brasil a situação de miséria em que vivemos, como também a falta de atenção das autoridades competentes para o caso.

Soledade é um bairro bem próximo à cidade de Aracaju. Tem muitos habitantes, todos pobres e trabalhadores. Há seis anos que a Prefeitura Municipal comprou uma área para servir de depósito de todo o lixo da cidade (240 toneladas diárias). Todos nós sofremos as tristes condições trazidas pela tal lixeira, como verminose, conjuntivite, diarreia, bronquite asmática etc., além de grande número de moscas que contaminam todas as refeições. Usamos mosquiteiros sobre a mesa, ou comemos com o prato na mão, andando de um lado para o outro, porque é impossível ficar em torno da mesa.

Ao prepararmos os alimentos, é necessária a presença de uma outra pessoa para abanar-los com o pano. Estas são diferentes das moscas comuns. São grandes e azuis e onde

picam ferem a pele, causando doenças. Na lixeira é depositado inclusive o lixo dos hospitais e já foram encontradas até crianças recém-nascidas mortas. Diante dessa situação, o povo de Soledade não ficou parado. Procuramos a Secretaria de Serviços Urbanos, o prefeito e a Secretaria de Saúde; fizemos diversos abaixo-assinados, passeatas etc. Até o presente momento, nada foi feito para resolver o problema, o que revela total descaso do prefeito e do governador, ambos do PDS, e demais responsáveis pela vida de aproximadamente 2 mil moradores.

Estamos conscientes de que precisamos nos organizar e nos mobilizar. Para isso, entramos em contato com todas as pessoas e entidades parlamentares que defendem a vida e o respeito humano para que seja deflagrada a campanha em defesa do Soledade. Existe nos moradores a firme determinação de continuar na luta até a vitória, pois sabemos ser este o caminho. (Associação de Moradores do Soledade - Sergipe)

Denunciada corrupção do prefeito de Santa Inês

Está tramitando na Câmara Municipal de Santa Inês, no Estado do Maranhão, denúncia pela prática de infrações político-administrativas e crimes de responsabilidade contra o prefeito da cidade, José Franklin Skeff Seba, formulada por Manoel Emiliano da Nóbrega.

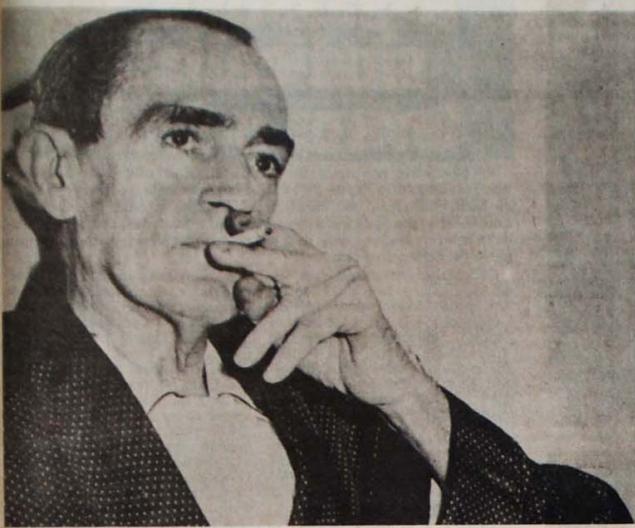
Segundo a denúncia, no decorrer de 1983, a imprensa da Capital divulgou notícias apontando o prefeito como responsável por incontáveis danos causados ao erário municipal, enriquecimento ilícito etc. No presente exercício, tais fatos voltaram a repetir-se de forma acintosa. Por exemplo, cheques da conta do Fundo de Participação do Município, preenchidos em milhões de cruzeiros, são emitidos pós-datados e se encontram, às dezenas, nas mãos de "agiotas".

A denúncia pede a instauração de processo administrativo contra o prefeito e relata fatos concretos, dentre os quais citaremos: o Executivo Municipal encaminhou projeto de lei à Câmara Municipal objetivando a abertura de crédito orçamentário, mas, quando seus projetos não são aprovados, o prefeito, por sua própria iniciativa, abre os créditos, descumprindo o orçamento aprovado para o exercício financeiro; o prefeito tem emitido che-

ques sem devida cobertura contra as contas correntes da Prefeitura nas agências do Banco do Estado do Maranhão, em São Luis, e do Banco do Brasil, em Santa Inês; calcula-se em mais de Cr\$ 150 milhões o débito do Município junto aos "agiotas", todo ele representado por cheques pós-datados emitidos contra a conta do Fundo de Participação; o acesso ao Terminal Rodoviário foi feito pelo DNER e contabilizado pelo prefeito com faturas frias de empreiteiras que não realizaram qualquer serviço para o Município.

Além disso, no curto espaço de um ano de "administração", o prefeito adquiriu com dinheiro público vários bens imóveis, como, por exemplo: um prédio onde funciona a repertório de imagens de TV, tendo sido a escritura lavrada em nome de Maria Ivanilde Prado Raposo, mulher que vive maritalmente com o prefeito - por outro lado, a repertório de TV foi adquirida num consórcio - por entre municípios mas se acha registrada, irregularmente, em nome da referida Maria Ivanilde, mas, quando seu loteamento na área urbana de Santa Inês adquirindo em nome de Maria Ivanilde e um apartamento no bairro Renascença em São Luis, (núcleo de apoio à TO em Santa Inês, MA)

A vitalidade de "Memórias do Cárcere"



Graciliano Ramos, à época em que escreveu o livro que deu origem ao filme

Um libelo contra a ditadura e a opressão

Os acontecimentos relatados em "Memórias do Cárcere" referem-se ao período em que o governo de Getúlio Vargas reprimiu os revolucionários da Aliança Nacional Libertadora, de 1935. Nos anos 30, o governo de Getúlio adotou algumas medidas de caráter popular e de sentido democrático-burguês. Ao lado da nacionalização do subsolo e da decretação da jornada de oito horas de trabalho, no entanto, mantinha intocáveis o monopólio da terra e a espoliação imperialista. Os analfabetos, maioria da população, não tinham direito ao voto. O Partido Comunista do Brasil era mantido na ilegalidade. A situação das massas se agravava. A Ação Integralista, de Plínio Salgado, fazia aberta pregação fascista, inspirada nos nazistas da Alemanha e nos partidários de Mussolini na Itália.

OP, ajudado pela orientação da frente única antifascista preconizada pelo Internacional Comunista, organizou em 1935 e Aliança Nacional Libertadora (ANL), com um programa democrático e anti-imperialista. Em todo o país trabalhadores, soldados, marinheiros, cabos e sargentos agrupavam-se na entidade, que pregava a revolução sob o lema de "Pão, Terra e Liberdade!". Somente no Rio, capital da República, a ANL tinha 50 mil membros!

Assustadas com o avanço do movimento popular, as classes dominantes investiram contra a ANL. Lideranças populares e democráticas foram perseguidas. Os comunistas, à frente da Aliança, desencadearam a insurreição armada, em resposta à violência das classes reacionárias. Em 23 de novembro, soldados, cabos e sargentos sublevaram-se em Natal, Rio Grande do Norte. Os trabalhadores juntaram-se

aos rebeldes, instaurando o primeiro governo popular revolucionário de nossa história. Nos dias que se seguem, a insurreição eclode no Recife, Rio de Janeiro e outros Estados. Mas o governo de Getúlio acaba por dominar a situação, pondo os antifascistas fora de ação temporariamente.

Milhares de prisioneiros

A repressão, chefiada pelo nazista Felinto Muller, prendeu, torturou e matou não só aliados, mas também sindicalistas independentes e membros de outras organizações democráticas. Milhares de pessoas foram recolhidas aos presídios, ilhas, navios etc. Um dos presos era Graciliano Ramos que, 10 anos após ser detido em Maceió, escreveu suas "Memórias do Cárcere".

Em 1953, o livro é um dos pontos altos da literatura brasileira, seja pelas penetrantes observações sobre os tipos humanos com os quais o autor conviveu na prisão, seja pelo estilo claro e conciso com que foi escrito.

Graciliano foi preso em 3 de março de 1936 e liberado em janeiro de 1937. Nunca foi interrogado ou processado. Seus algozes o acusaram de comunista. "Absurdo: eu não podia considerar-me comunista, pois não pertencia ao Partido" (alguns anos depois, ingressou no PC do Brasil). "Realmente não me envolvia em nenhum barulho, limitava-me a conversar e escritas inofensivas, e imaginava 'ficar nisso.'" Buscando explicar o porquê de sua detenção, arriscou: "Estava ali apenas para dar ao burguês a impressão de que havia muitos elementos perniciosos e o capital corria perigo".

Várias pessoas com quem o escritor alagoano conviveu na

prisão também "ignoravam que delito lhes imputavam. Na verdade não imputavam, mantinham-nas em segregação, e isto devia bastar para convencê-las". Um tempo em que fazer versos irônicos "podia considerá-las uma espécie de comunismo". Graciliano narra o caso de um alto funcionário de banco: "Chamado à polícia, tomara o automóvel, fora prestar declarações, meio intrigado. Que diabo queriam dele? Ao chegar, recomendara ao chauffeur que esperasse. As horas se tinham passado, os dias — e nenhuma pergunta. Quando — supunha esclarecer o negócio — voltar à sua carteira, transferência para a Casa de Detenção".

Incansáveis interdições

Nos cárceres, acumulavam-se "pequeno-burgueses e operários, homens cultos e gente simples". Espiritas, comunistas, nacionalistas, intelectuais, trabalhadores, marginais conviviam com dificuldades. "O estivador exibiu sem disfarce ódio seguro aos burgueses, graúdos e miúdos. Todos nós que usávamos gravata, fôse-dia, eram para eles inimigos."

Mesmo nos porões da ditadura, a luta pela emancipação social se impõe. Mensagens eram enviadas para fora dos presídios. "As bolsas das mulheres se pejavam. O trabalho invariável das células, o fruto das longas discussões subterrâneas, redigidas com vagar, caía palavra ruminada, ali desaguava, ia lá fora distribuir-se. (...) Nas ruas as incansáveis interdições, fugindo à perseguição dos investigadores que farejavam pistas, desdobravam-se ativas (...). Impossível avaliar o trabalho

OPINIÃO

Sistema inimigo das artes

Em São Paulo, o filme "Memórias do Cárcere" está sendo exibido unicamente no Cine Gazetinha, avenida Paulista, a preços exorbitantes: quando da estreia, Cr\$ 6 mil, de uns dias para cá rebaixados para Cr\$ 4 mil — não há meia-entrada em nenhum dia ou horário. Os dois volumes em que são publicadas as "Memórias do Cárcere" são vendidos a Cr\$ 17.500,00, preço também proibitivo para as grandes parcelas da população. Inimigo ferrenho da arte, o capitalismo vê nas criações humanas simplesmente um meio para apropriar riquezas. Ironicamente, o próprio Graciliano Ramos previa o que iria suceder com sua produção literária:

"Se o capitalismo fosse um bruto, eu o toleraria. Afige-me é perceber nele uma inteligência, uma inteligência safada que aluga outras inteligências canalhas. Esforço-me por alinhavar esta prosa lenta, sairá daí um lucro, embora escasso — e este lucro fortalecerá pessoas que tentam oprimir-me. É o que me atormenta. Não é o fato de ser oprimido: é saber que a opressão se erigiu em sistema".

A luta pelas mais amplas liberdades em que o povo brasileiro está hoje empenhado, implica também a luta para tornar acessíveis às grandes massas as obras como as de Graciliano. Luta que se dirige, ao fim e ao cabo, contra o sistema social que condena milhões de pessoas à ignorância, ao analfabetismo, ao trabalho estenuante e à miséria.

dessas lançadeiras de estranha máquina de costura, bem azetada, a funcionar sem rumor."

As observações de Graciliano são as de um intelectual sensível, em busca de "descobrir nas pessoas qualquer coisa imperceptível aos sentimentos comuns". Assim, vê nos companheiros de infortúnio "homens de várias classes, das profissões mais diversas, muito altas e muito baixas, apertados nelas como em estojos. Procurei observá-los onde se acham, nessas banhas em que a sociedade os prendeu".

"Quem dormiu no chão deve lembrar-se disso, impondo disciplina, sentar-se em cadeiras duras, escrever em tábuas estreitas. Escreverá talvez asperezas, mas é delas que a vida é feita: inútil negá-las, contorná-las, envolvê-las em gaze", afirma o autor na apresentação de suas "Memórias do Cárcere", um libelo contra as perseguições políticas e a opressão social em nosso Brasil. (Carlos Pompe)

Em 1971, Nelson Pereira dos Santos tentou filmar "Memórias do Cárcere", baseado na obra de Graciliano Ramos. Não foi possível. Na época, o general Médici chefiava o regime militar, caçando democratas e patriotas, cerceando as liberdades, censurando as artes. Treze anos se passaram para que, finalmente, "Memórias do Cárcere" estresse nos cinemas.

Nelson Pereira ganhou duas vezes o prêmio da crítica internacional em Cannes, com duas obras distintas do mesmo Graciliano. O primeiro, em 1964, com o filme "Vidas Secas", e o segundo este ano, com o excepcional "Memórias do Cárcere". A grande virtude de Nelson Pereira nesse filme é ter utilizado o realismo e a fidelidade ao transformar em linguagem cinematográfica uma das mais importantes obras de Graciliano Ramos, uma poderosa denúncia da ditadura de Vargas e um testemunho vivo da luta antifascista de vários patriotas.

Ao contrário do que muitos críticos insistem em ver, não existe no filme nenhuma atitude de Graciliano que possa ser entendida como antimarxista ou anti-partido. O filme, como o livro, retrata o Graciliano dono de uma inabalável moral e grande fidelidade aos seus ideais.

Na revista Princípios número 3, o historiador e sociólogo Clóvis Moura, que conheceu pessoalmente Graciliano, afirma que ele aceitava o Partido Comunista como instrumento político capaz de transformar a sociedade. No entanto é preciso entender que o livro e o filme "Memórias do Cárcere" tratam de fatos ocorridos na segunda metade da década de 30, momento historicamente conturbado na vida deste Partido.

Retrato fiel de um dos mais importantes momentos de nossa história, "Memórias do Cárcere" é de uma vitalidade pouco comum ao cinema brasileiro. São mais de três horas de filme. O elenco tem em Carlos Vereza e Glória Pires suas maiores estrelas. Os figurantes nunca foram tão bem trabalhados e

CONDIÇÕES DESUMANAS

As humilhações no cárcere, a péssima comida, os maus-tratos e as condições desumanas a que eram submetidos os presos, dão a Graciliano os principais elementos para compor a sua obra. Os militantes do Partido Comunista, os revoltosos do Norte e as mulheres presas em cela vizinha traçam um quadro vigoroso e fiel no qual a solidariedade humana e a moral elevada são traços marcantes. Mesmo em Ilha Grande, onde a maioria dos presos eram detentos comuns, Graciliano recebia papel e lápis para suas anotações — que tiveram de ser destruídas ainda no cárcere.

Ao concluir, fica-nos a certeza de que, apesar dos quase 50 anos que separaram o fato do filme de Nelson Pereira, este mantém na sua obra a grandeza do livro, e com isto também mantém viva a bela história de luta e resistência à ditadura e ao fascismo, que teve como principal ator o próprio povo. (Gerson Marques — Rio de Janeiro)



Carlos Vereza interpreta o escritor alagoano em "Memórias do Cárcere"

Exemplo para os tribuneiros

Em Picos, interior do Piauí, Francisco Carlos Costa, com empenho e perseverança, dá um exemplo de ação para todos os tribuneiros: ele vendeu 300 assinaturas mensais da **Tribuna Operária** (quatro números) ao preço de Cr\$ 500,00 o exemplar. Assim ele não só ajuda a garantir o financiamento do jornal, como ainda difunde as idéias e notícias veiculadas pela imprensa operária.

Da Paraíba nos chegaram contribuições para a reconstrução do jornal: Diretório Acadêmico da Faculdade de Filosofia de

Guarabira.....	Cr\$ 30.000
Coleta entre moradores do Conjunto Mangabeira.....	Cr\$ 3.200
Coleta entre moradores da favela da Gauchinha.....	Cr\$ 3.000
Total.....	Cr\$ 36.200
Total das semanas anteriores.....	Cr\$13.948.316
Total geral.....	Cr\$13.984.516

Tribuna Operária

Endereço: Rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo - CEP 01318

Telefone: 36.7031 (DDD) 2119

Telex: 0132313 TLOBR

Journalista Responsável: Pedro de Oliveira

Conselho de direção: Rogério Loretan, Bernardo Joffly, Gino Ranieri

ALAGOAS - Anísio de França, Rua Pereira Lima, 237, admissão - CEP 57000, Centro, Maceió

AMAZONAS - Manoel, Rua S. Mateus, 233, Jacaré, Manaus - CEP 69000, Manaus

BARRA - Comarcal, Rua José Gomes de Melo, 749 - CEP 43000, Feira de Santana, Bahia

BAHIA - Comarcal, Rua José Gomes de Melo, 749 - CEP 43000, Feira de Santana, Bahia

BELO MONTE - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CEL. 11 - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CELESTINO - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CELESTINO - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CELESTINO - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CELESTINO - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

CELESTINO - Antônio, Rua S. João, 100, Centro - CEP 48100, Ribeirão, BA

Tribuna Operária

Sim, eu quero receber a Tribuna Operária.

Envio junto com este cupom um cheque nominal à Editora Anita Garibaldi Ltda. pela seguinte opção de assinatura:

Anual de apoio (52 edições) Cr\$ 40.000,00

Trimestral de apoio (17 edições) Cr\$ 20.000,00

Semestral de apoio (26 edições) Cr\$ 18.700,00

Semestral comum (26 edições) Cr\$ 9.350,00

Annual para o exterior (em dólares) US\$ 70,00

NOME: _____

ENDEREÇO: _____

Bairro: _____

Cidade: _____ CEP: _____

Estado: _____

Profissão: _____ Data: _____

Preços válidos por tempo limitado. Envie hoje o seu cupom.

Endereço a carta com seu pedido de assinatura para a Editora Anita Garibaldi: rua Adoniran Barbosa, 53, Bela Vista, São Paulo, SP, CEP 01318.

Receba em casa a Tribuna Operária pagando apenas Cr\$ 360 por exemplar

Quando você faz uma assinatura trimestral ou anual da Tribuna, economiza mais de Cr\$ 40 por exemplar. Além disso, recebe seu jornal em casa toda semana. E ainda ajuda a imprensa operária, que depende do apoio dos trabalhadores para sobreviver e crescer. Assine a Tribuna. Preencha e envie hoje mesmo o cupom ao lado.

Tribuna Operária

Para mais informações consulte a tabela de assinaturas

SEJA MAIS OPERÁRIA

Assine a Tribuna

Assine a Tribuna

Assine a Tribuna



Foto: Mazé

No lançamento da campanha, a multidão gritava: "O povo unido não tem medo; fora a grilagem e o governo Figueiredo!"

Multidão na rua clama por Reforma Agrária

Superando as previsões mais otimistas, uma multidão de mais de 10 mil pessoas — na maioria camponeses — lançou sexta-feira, dia 6, em São Luís a Campanha Nacional pela Reforma Agrária. Compareceram caravanas organizadas pelos Sindicatos de Trabalhadores Rurais de mais de cem municípios, numa das maiores manifestações da história do Maranhão.

Primeiro uma passeata, bastante participante, percorreu o centro comercial da capital maranhense, recebendo o apoio dos populares que ali se achavam. Dominavam as palavras de ordem: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, vamos conquistar reforma agrária no Brasil!"; "O povo unido não tem medo; fora a grilagem e o governo Figueiredo!" e "Diretas-já; fora Figueiredo e o regime militar!". Foram lembrados os nomes dos camponeses assassinados no Maranhão durante os últimos meses e, a cada nome, todos diziam em coro: "Você está presente!"

A manifestação foi coordenada por uma comissão encabeçada pela Fetaema (Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado do Maranhão), que convidou outras entidades a participarem. Falaram representantes da CUT, Conclat, Contag, Fetaema, Fetiema, Sindicatos de Trabalhadores Rurais, PDT, PT, PMDB e Comissão pela Legalidade do PC do B. Todos foram unânimes em apontar o regime militar e os governos do PDS como responsáveis pelo agravamento da situação dos camponeses.

Francisco Sales, presidente da Fetaema, que abriu o ato, considerou-o

"um dos mais importantes momentos para o sindicalismo maranhense" e reafirmou: "Um importante passo para tornar a luta pela reforma agrária mais fácil e a conquista das eleições diretas-já".

"Uma reforma radical que acabe com o latifúndio"

Dilermando Toni, representando a Comissão do PC do B, foi bastante aplaudido ao afirmar que "os camponeses devem lutar por uma reforma agrária radical que confisque as terras dos grandes proprietários, acabando assim com o latifúndio como forma de propriedade e com os latifundiários como classe". Lembrou que "a reforma agrária tem um caráter revolucionário, pois acaba com um dos sustentáculos do capitalismo que é a grande propriedade rural". Rendeu homenagem aos camponeses mortos nas lutas recentes e em especial a José Machado, de Pio XII, posseiro e militante do PC do Brasil assassinado pelos grileiros do Brasil.

Em nome dos lavradores de Porto Franco, que resistem bravamente à grilagem realizada por Walter Paulista, falou a presidenta do Sindicato, Ana Araci. Ela responsabilizou o Getat pelo que aconteceu na região, "pois o mesmo já foi avisado e até o momento não tomou providências no sentido de combater a ação dos pistoleiros pagos pelo grileiro".

O Secretário do Sindicato de Monção, José Raimundo Mendonça — o Cabecinha — foi um dos oradores mais aplaudidos. Denunciou a violência, a concentração das terras e conclamou seus companheiros a "resistirem de toda forma na terra, pois só assim terão direito à posse de suas roças".

Manifesto denuncia um paraíso dos grileiros

Trinta e duas entidades aproveitaram a manifestação para lançar um Manifesto ao Povo Maranhense, condenando o regime militar e os governos do PDS pela transformação do Maranhão num paraíso para os latifundiários e grileiros, e exigindo uma reforma agrária que acabe com o latifúndio, garanta terra aos trabalhadores rurais e aos povos indígenas. O Manifesto termina conclamando "todos, trabalhadores do campo e da cidade, patriotas e democratas, para conquistarmos a liberdade".

Por coincidência, dia 6 foi também o aniversário do governador do Estado, Luis Rocha, que é do PDS, grande latifundiário e ex-presidente da Faema — a Federação agrícola patronal do Maranhão. O aniversariante contratou um trio elétrico e encheu a cidade de cartazes para comemorar. Mas não contava com o merecido "presente" dos camponeses em luta contra o regime que ele representa. (da sucursal)

Assassinos do sindicalista levam o troco

Os pistoleiros que mataram o Benezinho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tomé-Açu, pensaram que seria um serviço fácil. Cobraram até barato: Cr\$ 2 milhões. Mas na manhã de quinta-feira, dia 5, os três estavam mortos a pauladas, pedradas, facadas e marretadas, por mais de 2 mil pessoas daquele pacato município perto de Belém do Pará.

Os pistoleiros Natan, Juracy Pedro de Souza e José Machado do Nascimento foram recrutados em Lagoinhas e Vila Velha, Estado do Espírito Santo, pelos mandantes Acirino Breda e Joselino de Barros, que são latifundiários também no norte capixaba. Passaram então a integrar o exército particular dos grileiros paraenses, equipado até com metralhadoras, helicópteros, e com uma "lista negra" de pessoas marcadas para morrer por seu papel na luta em defesa dos posseiros (ver TO n.º 174).

Dois balas 38, pelas costas, à queima-roupa, estouraram seus miolos

Eles foram contratados por Cr\$ 1 milhão adiantados, mais outro tanto e algumas armas após o "serviço", para assassinar o presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Tomé-Açu, Benedito Alvez Bandeira. O Benezinho, como era conhecido, tinha menos de 18 meses no Sindicato, 35 anos, seis filhos menores e a mulher esperando o sétimo. Na quarta-feira, dia 4, às 13 horas, em plena avenida Magalhães Barata, o sindicalista foi alvejado, à queima-roupa, pelas costas, por duas balas de revólver calibre 38 que lhe estouraram os miolos. O assassino e seus dois cúmplices fugiram rumo a Belém num Fiat bege, mas foram seguidos por um comerciante local. No mesmo dia, eram presos e trazidos de volta.

O pistoleiro Natan, capixaba, sem ocupação fixa, teve o azar de encontrar-se na primeira viatura da polícia que chegou à cidade. No mesmo momento foi arrancado da mão dos policiais e morto pelas centenas de populares que se aglomeravam em volta da delegacia local.

A segunda viatura, com os dois assassinos restantes, desviou-se e só se aproximou quando foi possível levar os presos para a delegacia. Entretanto o povo manteve o cerco durante toda a noite, "longa e difícil", segundo as palavras do delegado Manoel Costa. De madrugada, com cerca de 2 mil populares, começou o ataque ao prédio.

Com pedaços de pau, molas de caminhão, canos de ferro, pedras, os moradores arrombaram a delegacia. O delegado, o comissário e os policiais que ali estavam bateram prudentemente em retirada. A cela de José Nascimento foi aberta com uma serra para metal. Já a outra, onde se achava Juracy, implorando para não morrer, tinha um cadeado que resistiu à tentativa de arrombamento. O povo derrubou então um pedaço da parede, jogou queirose dentro, ateou fogo e pôs fim à vida do jagunço quando ele saiu. Até o mastro da bandeira brasileira, em frente à delegacia, foi usado para consumir o justicamento.

João Batista seria o próximo na lista negra da macabra "Terceira Lei"

Apesar do grande número de presentes, e da crueza da cena, o povo de Tomé-Açu não demonstra arrependimento. "Monstros como esses não merecem viver" — dizia uma senhora. Em contraste, Benezinho recebeu as maiores homenagens. "Benê não se vendeu aos fazendeiros. E por isso ele perdeu a vida" — declarou uma líder do movimento de mulheres na cidade.

Os acontecimentos de Tomé-Açu, porém, não bastam para conter o plano macabro dos fazendeiros que, há cerca de um mês, elaboraram a

lista negra das pessoas que seriam assassinadas. Depois de Benezinho, comentava-se que a próxima vítima seria o advogado João Batista. Familiares do deputado Paulo Fontelles (PMDB) recebem ameaças. Informa-se ainda que os fazendeiros já estariam formalizando sua organização criminosa, batizada com o nome de "Terceira Lei". Diante disso os paraenses exigem a punição dos mandantes do crime de Tomé-Açu e o desmantelamento da sinistra quadrilha da "Terceira Lei". (da sucursal).

A Comissão Estadual da Legalidade do PC do Brasil, presente ao ato com fitas e estandartes, distribuiu 20 mil exemplares de uma Mensagem aos Camponeses, avidamente procurada pelos presentes, dizendo:

"O Maranhão é um dos Estados da Federação em que as terras estão mais concentradas. Entre 1970 e 1980, a área dos latifúndios com mais de 10.000 hectares passou de 460.000 hectares para 1.900.000 hectares, ou seja, cresceu mais de 400%! Somente 90 estabelecimentos, que pertencem a um punhado de latifundiários e grandes capitalistas, concentram toda essa terra.

"De outro lado, estão os 3 milhões de pobres do campo, em sua maior parte amontoados em 420 mil estabelecimentos com até 10 hectares, com uma área média de menos de 2 hectares cada um. Entre 1975 e 1980, 45.000 posseiros foram expulsos da terra. "Companheiros Posseiros, Fofreiros, Assalariados Rurais e Quebradeiras de Coco!"

"Vocês produzem, com seu trabalho, 90% do arroz, 95% da mandioca e quase toda a produção de coco babaçu do Maranhão e, mesmo assim, não têm direito a nada. Enfrentam as matas, as feras, a malária e não têm direito a nada. "Mas essa situação não pode continuar por mais tempo e é por isso que os camponeses maranhenses se unem e lutam cada vez mais decididamente pelo direito à terra e pela liberdade. Para se defender da grilagem e da violência, não bastam as denúncias. É preciso responder com firmeza, utilizar todos os meios ao alcance. As lutas dos camponeses do Maranhão são uma importante força que se soma às outras milhares de batalhas que se travam por todo o campo brasileiro.



Mensagem do partido comunista do Brasil aos camponeses do Maranhão

Merecem destaque as vitoriosas jornadas de luta de Guariba, em São Paulo, dos canavieiros em Pernambuco e dos assalariados goianos.

"O Partido Comunista do Brasil, representante da Classe Operária, conclama a irmã classe camponesa à luta, não só pelo fim do Regime Militar, mas para ir mais longe. Os problemas profundos em que o país se debate só serão resolvidos de fato quando tivermos no país um Regime de Democracia Popular, aliçado na aliança operário-camponesa, que nos liberte do jugo estrangeiro, que acabe com a dominação da burguesia monopolista e que promova uma Reforma Agrária Radical. Cumpridas essas tarefas, trilharemos o caminho do Socialismo, sociedade sem explorados, nem exploradores.

A Reforma Agrária Radical vai acabar, de uma vez por todas, com o latifúndio. Através da Reforma Agrária todos os que trabalham na terra terão seus direitos assegurados. O camponês conhecerá dias de fartura e felicidade, será dono dos seus destinos."



O corpo de Benezinho, chorado pela esposa e filhos; e os cadáveres dos jagunços